



Ícones da cultura na Academia Brasileira de Letras

Com a retomada das atividades presenciais na Casa de Machado de Assis, foram eleitos dois imortais, que são referência da Cultura do nosso país. A votação que elegeu Fernanda Montenegro para a cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Letras foi mera formalidade. Afinal, a Grande Dama do Teatro Brasileiro era a única candidata para a vaga. Fernanda vai ocupar a vaga deixada pelo acadêmico e diplomata Afonso Arinos de Melo Franco. E Gilberto Gil irá ocupar a cadeira 20 da mesma Academia na vaga aberta em maio do ano passado, com a morte do acadêmico Murilo Melo Filho. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

ABL DE PORTAS ABERTAS

Ao longo da História, a Academia Brasileira de Letras tem aberto, cada vez mais, suas portas para nomes de fora da Literatura e para o público geral. Para os acadêmicos, a busca por nomes como os de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil se dá pelo inestimável valor simbólico deles em suas respectivas áreas. O estatuto deixa claro que reserva vagas para personalidades de prestígio em suas atuações, desde que sejam brasileiros natos e que tenham publicado, ao menos, um livro. Um dos objetivos da Casa de Machado é a preservação da cultura brasileira. Nossas boas-vindas aos novos imortais.

O editor.



O JL antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes do primeiro mês de 2022. Sopram velas em janeiro (em sentido horário): Carlos Nejar (11/01), Evaldo Cabral (20/01), Domicio Proença (25/01) e Alberto Venancio Filho (23/01).

JL Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

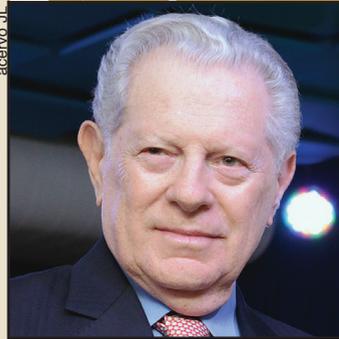
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

**Um pingo fora do lugar**

Certamente, a jornalista Manoela Ferrari tem saudades dos tempos em que estudou geometria, numa das escolas de Vitória, onde fez o antigo curso ginásial. Tem na cabeça uma das verdades apreendidas na ocasião: “Toda paralela a um dos lados de um triângulo determina um segundo triângulo semelhante ao primeiro.” Isso para os egípcios era uma verdade fundamental, quando examinavam as figuras ou os sólidos desenhados nas areias da sua terra.

Manoela deixou em paz as paralelas e se fixou na figura dinâmica do ponto. E fez dele o pivô de uma ação extremamente feliz: o ponto não se conforma com as ações deletérias da esquentada e traiçoeira Kei Mada, visivelmente protegida pelos meios oficiais: “As crianças precisam adquirir essa consciência e se colocar contra as agressões à destruição das nossas florestas” – afirma a linda escritora, que lança pela Editora Jordem o seu segundo livro infantil. Ela não visa ao lucro, tanto que irá distribuir parte da tiragem de forma gratuita, como combinou com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. “Quero ajudar a transformar essa consciência através da educação ambiental, de que andamos muito necessitados” – afirma a jornalista e escritora, que recorda muito feliz os seus bons tempos de Manchete, quando trabalhou com essa preocupação e já ao lado dos que defendiam, desde cedo, os cuidados com o meio ambiente.

O ponto é uma preciosa gotícula de água. Vai ser muito útil no combate aos incêndios criminosos, como tem acontecido frequentemente na Amazônia e no Pantanal. O ponto se desloca para onde é mais necessário, valorizando o que representa no combate a tais ações criminosas.

Manoela lamenta os meses em que não pôde lecionar na creche beneficente do Dispensário Santa Terezinha, na Gávea, onde dá aulas com muito prazer (e de forma gratuita), cumprindo o que para ela é uma sagrada missão: “Sofri muito com esses tempos de proibição, mas hoje tenho a esperança de que a Covid-19 tenha nos deixado de forma definitiva.”

Como jornalista e professora, Manoela Ferrari entende que deve cumprir o seu papel de educadora, e nada a torna mais feliz do que valorizar a educação ambiental: “É missão da qual não quero e não devo me afastar” – afirma a bem-sucedida autora.

“Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas.”

Voltaire

“A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar duram uma eternidade.”

Clarice Lispector

Fundação Cesgranrio – 50 anos

Por Terezinha Saraiva*



A Fundação Cesgranrio está completando 50 anos no mês de outubro. Meio século muito bem vivido, prestando relevantes serviços nas áreas de educação, cultura, seleção de recursos humanos, responsabilidade social.

Sempre à frente de seu tempo. O mundo vem passando por vertiginosa evolução tecnológica. A Fundação Cesgranrio se preparou para isso. Inaugurou o Campus Operacional e Tecnológico, que vai funcionar em prédio situado no Rio Comprido, perto de sua sede, unificando as etapas de projetos, iniciando com seu planejamento até o processamento de resultados de exames, avaliações, certificações.

É uma bela história escrita nesses 50 anos, marcada pela inovação e competência.

A Cesgranrio teve início em 1971, com o convite formulado pelo professor Newton Sucupira, então diretor de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (MEC), ao jovem vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica, o engenheiro Carlos Alberto Serpa de Oliveira, para coordenar a realização do primeiro vestibular unificado no Grande Rio.

Desse grupo, participavam 12 universidades, que firmaram convênio com o Ministério da Educação e Cultura.

Reconhecida, não só no Brasil, mas em outros países por seu pioneirismo, vem acompanhando a vertiginosa evolução tecnológica no mundo atual. Para tanto, preparou-se para as avaliações digitais, estudando sua implementação para aplicação de testes computadorizados, com tecnologia própria e recursos.

A Fundação Cesgranrio é a única instituição credenciada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) para aplicação do PISA nas escolas, no Brasil, com solicitação crescente de outros países.

A equidade é uma das preocupações da Cesgranrio. Para isso, a instituição trabalha para aprimorar a capacidade de produzir provas acessíveis a portadores de necessidades especiais, capacitando seus profissionais.

A Cesgranrio é registrada no Conselho Nacional de Serviço Social do MEC. Em 2001, foi registrada no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), da Prefeitura do Rio de Janeiro; em 2009, no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro (CMDCA).

Nesses 50 anos, a Fundação Cesgranrio realizou incontáveis seminários, simpósios e eventos na área educacional.

Em 1980, teve início o trabalho na área de concursos públicos, muitos deles de abrangência nacional. Pela excelência desse serviço, adquiriu crédito e respeito nacionais. Milhões de candidatos participaram desses concursos.

Em 1992, criou o Instituto Cultural para propor, assessorar e executar ações culturais que, a partir de 2011, foi reformulado, dando origem ao Centro Cultural, com o objetivo de desenvolver projetos culturais englobando as diversas áreas artísticas. Nesses dez anos, realizou 300 projetos culturais, levando alguns deles às escolas da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro. Entre muitos projetos culturais, destacam-se o Prêmio Cesgranrio de Teatro e a Orquestra Sinfônica da Cesgranrio.

A Fundação Cesgranrio criou, em 1993, o Centro de Avaliação, e vem realizando inúmeras avaliações, entre elas, as organizadas pelo MEC.

Em 1994, assinou convênio com a Ford Foundation para incorporar a tecnologia da Teoria da Resposta ao Item (TRI) em suas atividades de avaliação.

Nesse período de sua história, é muito importante mencionar a criação da Revista *Ensaio*, em 1993, tendo como foco a temática da Avaliação e das Políticas Públicas em Educação. Tem periodicidade trimestral e sua tiragem de 1.500 exemplares é disponibilizada a todos, gratuitamente, por meio do Portal de Periódicos da Fundação Cesgranrio e da página do SciELO. Já está no número 112.

Não se pode deixar de registrar o projeto de avaliação progressiva para o ingresso no Ensino Superior, o SAPIENS. Foi aprovado pelo MEC para ser aplicado como projeto piloto no estado do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo era substituir o tradicional concurso vestibular por um conjunto de avaliações progressivas realizadas ao longo do ensino médio.

Em 2013, a Fundação Cesgranrio criou o Mestrado Profissional em Avaliação. Nesse mesmo ano, deu entrada no MEC, solicitando credenciamento das Faculdades Cesgranrio para criação de seus dois primeiros cursos de gra-

duação tecnológica: Gestão de Recursos Humanos e Gestão da Avaliação.

As Faculdades Cesgranrio oferecem atualmente cursos de graduação nas áreas de Pedagogia, Recursos Humanos, Teatro, Avaliação e Sistemas de Informação. Pretende oferecer, nos próximos anos, novos cursos, entre eles os de Cinema, Dança, Matemática, Design de Moda e Engenharia de Produção.

Não falei sobre as pesquisas de ponta que têm sido realizadas pela Cesgranrio, e são muitas.

Para finalizar as atividades por ela desenvolvidas, fecho com chave de ouro mencionando o trabalho realizado pela Fundação Cesgranrio na área de responsabilidade social.

Desde sua inauguração, desenvolve um vigoroso projeto de Bolsas de Estudos, desde o ensino infantil até a pós-graduação.

A partir de 2002, deu início à colaboração com recursos financeiros a alguns projetos sociais desenvolvidos por ONGs.

Em 2003, o presidente resolveu que a Cesgranrio deveria ter seu próprio projeto social. Nascia o Apostando no Futuro, desenvolvido em quatro comunidades situadas no entorno da sede da Cesgranrio, no bairro do Rio Comprido. Desenvolvido há 16 anos ininterruptos, seu objetivo é melhorar a qualidade de vida de cerca de seus 2000 moradores, direta e indiretamente.

O projeto oferece atividades de educação, cultura, esporte, lazer, saúde, qualificação profissional, estágios, empregos, inclusão digital, alimentação, festas comunitárias e comemorativas e tem um jornal comunitário, *O Progresso* com periodicidade trimestral, e tiragem de 800 exemplares. Esse jornal é distribuído pela Associação de Moradores da Comunidade Paula Ramos e Adjacências em todas as casas das quatro comunidades.

Chegou a hora de falar sobre o autor dessa história – o professor Serpa.

Desde o início da Fundação Cesgranrio, ele a preside, reconduzido sucessivamente por seu Conselho Diretor, com notável dedicação, criatividade, apoio, inovação, competência e ética profissional.

Nesses 50 anos, seus cabelos embranqueceram, mas sua inteligência, suas características de gestor eficiente, sempre buscando e fazendo mais, é o baluarte deste meio século da Fundação Cesgranrio.

Ao comemorar os 50 anos da Cesgranrio, homenageamos seu criador e condutor – o professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira – corpo e alma da instituição.

*Terezinha Sodré é educadora.



O presidente da Fundação Cesgranrio, professor Carlos Alberto Serpa, reafirma seu compromisso com a educação e a cultura.



A bonita sede da Fundação Cesgranrio, no Rio Comprido.



Padre Edvino, da PUC-Rio, na celebração da missa de ação de graças na solenidade de encerramento das comemorações pelos 50 anos da Fundação Cesgranrio.

● A PNEUMOLOGISTA Margareth Dalcolmo lança, este mês, *Um Tempo para Não Esquecer – A visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde*, pela Editora Bazar do Tempo.

● DE 3 A 12 DE dezembro, acontece, no Riocentro, de forma híbrida, a 20ª edição da Bienal do Livro Rio.

● PUBLICADAS POR incentivo do acadêmico Marco Lucchesi, em 1989, *Cartas a Spinoza*, da psiquiatra Nise da Silveira, chegam às livrarias em edição revista pela Editora Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, com apoio da Pinakothke Cultural.

● O JORNALISTA Aristóteles Drummond lançou o livro *Memórias... Fatos e Fotos de uma Vida*.

● ESCRITA PELO produtor Zuza Homem de Mello, *Amoroso: Uma biografia de João Gilberto* (Companhia das Letras) traça um relato sensível, com histórias de bastidores do pai da Bossa Nova.

● AOS 90 ANOS, o aclamado cineasta Ruy Guerra critica o desmonte da cultura e escreve seu primeiro romance, previsto para o próximo ano: *Tempo à Faca*, uma história de vingança que se passa no Nordeste.

● A POUCOS MESES do centenário da Semana de Arte Moderna de 22 (em fevereiro), foi reeditada, pela Ed. José Olympio, *Vida Vertiginosa*, do jornalista João do Rio.

● O ESCRITOR Mario Prata comemorou 60 anos de carreira com *O Drible da Vaca* (Ed. Record, 2021), divertido romance sobre o mito de origem do esporte mais amado do Brasil.

● DIRETORA DE séries de sucesso (como “Shippados” e “Todas as mulheres do mundo”), a cineasta Patrícia Pedrosa fez sua estreia na literatura, com o livro de poesias *Primeiro Campo da Guerra* (Ed. Faria e Silva).

● LANÇADO PELA Editora Autêntica, o romance *As Ondas*, de Virginia Woolf, foi traduzido por Tomaz Tadeu, em sofisticada edição de capa dura, com 256 páginas.

● O *HOMEM DO CASACO VERMELHO* (2021), com tradução de Léa Viveiros de Castro para a Editora Rocco, é o mais recente livro do erudito inglês (francófilo assumido) Julian Barnes.

● *MUNDO REAL* (finalista do Man Booker Prize de 2020), romance de estreia do americano Brandon Taylor, foi lançado no Brasil pela Editora Fósforo.

● DÉCIMO NONO livro da poeta carioca Fernanda Oliveira, *Na Beira* (Ed. Imprimatur) mostra a busca da autora para traduzir, em poemas curtos, as diversas sensações ao longo da pandemia.

● *ESCUTE AS FERAS*, da antropóloga francesa Nastassja Martin, recebeu o prêmio François Sommer de 2020 por sua contribuição à reflexão sobre as relações entre o homem e a natureza. Foi lançado no Brasil pela Ed. 34, com tradução de Camila Boldrini e Daniel Lühmann.

● UMA DAS personagens mais queridas da literatura infantil brasileira está de volta. Já nas livrarias, *Diário de Pilar na Índia* (Ed. Pequena Zahar), de Flávia Lins, com ilustrações de Joana Penna.

● NO ROMANCE *Poeta Chileno* (Companhia das Letras), mais novo livro de Alejandro Zambra, o escritor chileno retrata, ao longo de 432 páginas, a relação entre um padrasto e seu enteado, para refletir sobre a resistência de sua geração a figuras de autoridade.

● EM TRÊS LIVROS inéditos, o premiado angolano Ondjaki volta às livrarias brasileiras, em narrativas líricas que vão dos versos aos contos, recém-lançados pela Editora Pallas: *Materiais para Confecção de um Espanador de Tristeza*, *Verbetes para um Dicionário Afetivo* e o infantil *A Estória do Sol e do Rinoceronte*, ilustrado pela colombiana Catalina Vásquez.

● A EFERVESCÊNCIA da sociedade alemã, na época da Revolução, foi registrada nos diários do filólogo Victor Klemperer (1881-1960). O livro *Munique 1919 – Diário da Revolução* acaba de ser lançado no Brasil, pela Editora Carambaia.

CRISE EXISTENCIAL



● LANÇADO NA Bienal de Arte de São Paulo, *A Poética da Relação* (Bazar do Tempo), obra de referência do pensador Édouard Glissant (1928-2011), reflete sobre os efeitos da escravidão e do colonialismo no sujeito.

● *A SEREIAZINHA E OUTRAS HISTÓRIAS* (Editora 34), com ilustrações do uruguaio Fidel Sclavo, reúne cinco fábulas de Hans Christian Andersen (1805-1875), clássico da literatura infantil, traduzidas diretamente do dinamarquês por Heloisa Jahn.

● *EM GENÉTICA NEOLIBERAL*, recém-lançado no Brasil pela Editora Ubu, a antropóloga americana Susan Mc Kinnon faz uma crítica contundente aos psicólogos evolucionistas.

● A NOVA FRONTEIRA lançou uma edição especial de *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, em comemoração aos cinquenta anos da obra, que se tornou um épico narrativo atemporal. O box, com dois volumes, soma 1088 páginas.

● OS ESPANHÓIS Jorge Diaz, Antonio Mercero e Agustín Martínez – assinando com o pseudônimo Carmen Mola – conquistaram o Prêmio Planeta, que este ano teve número recorde de participantes (654). O romance vencedor (*La Bestia*) é uma trilogia de suspense, ambientada em Madri de 1834.

● PÓS-DOCTOR EM História da Arte, mestre em Letras e Semiologia, um dos maiores carnavalescos

do país, Milton Cunha lançou o livro *Viva e Aproveite* (Faro Editorial), com crônicas e reflexões sobre a pandemia.

● A ATIVISTA ambiental Fe Cortez, criadora do projeto Menos 1 Lixo, lançou seu primeiro livro: *Homo Integralis: uma nova história possível para a humanidade* (Leya Brasil), com prefácio de André Trigueiro.

● NA BIOGRAFIA *A Sapatilha que Mudou meu Mundo* (Globo Livros), a bailarina brasileira Ingrid Silva conta como se tornou mundialmente conhecida ao pintar as sapatilhas com a cor da sua pele.

● UM BELO LIVRO sobre a vida e carreira do designer Bernardo Figueiredo (1934-2012) foi lançado no Arquivo Contemporâneo, em Ipanema.

● *TERRA ALTA*, que saiu no Brasil pela Editora Tusquets, é o primeiro volume de tetralogia policial do espanhol Javier Cercas.

● SIGMUND FREUD, o escritor Thomas Mann e sua mãe Júlia são os personagens de *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (Ed. Oficina Raquel), obra da portuguesa Teolinda Gersão, que mistura ficção e realidade.

● O COLÓQUIO Internacional 100 anos de Literatura Gente, na Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), homenageou o centenário do poeta Sidônio Muralha, expoente do movimento neorrealista português e clássico da literatura infantil.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Peça ruim

“Marcelo foi com a noiva na estréia da peça de teatro tão aguardada.”

Não será sucesso de audiência!

Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Período correto: “Marcelo foi com a noiva na **estrela** da peça de teatro tão aguardada.”

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis**.



Descida perigosa

“Luana escorregou feio ao descer a escada, pulando os degrais de dois em dois.”

Não poderia evitar o acidente, escrevendo dessa maneira. O plural de **degrau** é **degraus**. O de **troféu** é **troféus**.

Frase correta: “Luana escorregou feio ao descer a escada, pulando os **degraus** de dois em dois.”



Para conhecer Machado de Assis – Dom Casmurro

Capítulo XXXII / Olhos de ressaca

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuiu que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Patente alta

“Mariana estava toda contente, seu primo foi graduado vicealmirante.”

Assim, não há promoção que resista!

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen.

Período correto: “Mariana estava toda contente, seu primo foi graduado **vice-almirante**.”

Diariamente

“Fernanda não come macarrão no seu dia-a-dia.”

Dessa maneira, vai acabar com inanição.

Veja: conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se emprega mais hífen na expressão **dia a dia** (locução substantiva).

Frase correta: “Fernanda não come macarrão no seu **dia a dia**.”

Parecidos, mas diferentes

Você sabe a diferença entre **urgência** e **emergência**?

Emergência é quando há uma situação crítica ou algo iminente, com ocorrência de perigo; incidente; imprevisto. No âmbito da medicina, é a circunstância que exige uma cirurgia ou intervenção médica de imediato. Por isso, em algumas ambulâncias ainda há “emergência” e não “urgência”.

Urgência é quando há uma situação que não pode ser adiada, que deve ser resolvida rapidamente, pois, se houver demora, corre-se o risco até mesmo de morte. Na medicina, ocorrências de caráter urgente necessitam de tratamento médico e muitas vezes de cirurgia, contudo, possuem um caráter menos imediatista. Esta palavra vem do verbo “urgir”, que tem sentido de “não aceita demora”: O tempo urge, não importa o que você faça para tentar pará-lo.

Gente demais

“Éramos em cinquenta e cinco para entrar no ônibus e conhecer o parque de diversões.”

Além do grande número de alunos para um ônibus só, esta frase não está bem construída. Não devemos usar a preposição **em** entre o **verbo ser** e o **numeral**.

Frase correta: “Éramos cinquenta e cinco para entrar no ônibus e conhecer o parque de diversões.”

Os prêmios literários de 2021

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Estaremos em meio a um *boom* da literatura africana? Ou, para evitar polêmica: estaremos em meio a um *boom* de autores de raízes no vasto continente? Autoriza-nos a cogitação a mais recente atribuição de alguns prestigiosos, os mais conhecidos entre nós, prêmios literários de 2021.

De início, isso de prêmio literário, embora não seja o objetivo do escritor, trata-se do reconhecimento do seu trabalho por outra espécie de leitor que não o grande público, os que “gostam” e os que “não gostam”. Ganhar um concurso literário, afora o prêmio em dinheiro, é, sim, muito bom, porque distingue. Faz gênero o que diz o contrário. Mas por si só não muda muita coisa na vida do autor, no seu propósito e no jeito de encarar a escrita. Ou não deveria mudar, porque não é esse o sentido dessa espécie de premiação.

Por outro lado, trata-se de evidente chacoalhada no mercado. A cada autor galardoado ainda não editado, ou que pouco o tenha sido por aqui, fica criada uma demanda a ser satisfeita pelo mercado editorial. E se as premiações, coincidentemente ou não, atribuem-se a um perfil determinado, eis aí uma demanda estimável a satisfazer e um possível *boom* literário a considerar.

Os mais-que-centenários prêmios Nobel e Goncourt foram atribuídos este ano a autores africanos radicados na Europa: o Nobel Abdulrazak Gurnah, tanzaniano, professor de Literatura, radicou-se no Reino Unido no final dos anos 1960, fugido da perseguição religiosa

em seu país; o Goncourt Mohamed Mbougar Sarr, senegalês radicado na França, recebeu o prêmio por seu quarto romance, *Le Plus Secrète Mémoire des Hommes*, ainda sem tradução por aqui. Coincidentemente ou não, o prêmio Camões, o mais prestigioso prêmio literário em língua portuguesa, foi concedido à moçambicana Paulina Chiziane.

Se o Camões vez ou outra é concedido a autor de origem africana, consequência natural da lusofonia, assinala-se ser a primeira vez que se galardoar com o Goncourt um autor da África subsaariana. Quanto ao Nobel, em que pese a predominância de autores de língua inglesa, é a primeira vez que se vê contemplado um escritor africano negro desde 1986.

Se é que se pode extrair algo daí, vê-se que a transposição literária da experiência da “descolonização”, da vida durante os movimentos pela libertação colonial e as suas consequências, ocupa em maior ou menor grau a todos eles: de Gurnah, o último romance se passa durante revolta armada contra a dominação colonial alemã na África Oriental; Chiziane, preocupada com as consequências da poligamia, participou ativamente da cena política de seu país como militante da Frelimo. Já Sarr se movimenta em outra esfera, não menos simbólica: a busca por autores africanos fora do seu país, sem concessão a ideias de “exotismo” e outras que tais. Visão, a dos três, diferenciada, pois pouco conhecida.

O interesse pelo outro é inerente ao ser humano. Saímos de casa, ou navegamos no mar sem fim da internet, observando pessoas e fatos e lugares. O diferente, antes do exótico, é o que importa na tentativa de buscar novidades e saciar curiosidades – necessidade tradicionalmente provida pela Literatura. Deixando de lado a ideia de exotismo, novos olhares sobre outras realidades constituem algo de mais que natural nos domínios literários, sendo salutar a posição de evidência atual dessa Literatura de origem africana.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

O segundo enterro do general Gudin

Por Danilo Gomes*

“*Que romance foi minha vida!*” **Napoleão Bonaparte**

Este 2021 assinala os 200 anos da morte de Napoleão Bonaparte, na prisão da Ilha de Santa Helena, em 5 de maio de 1821. Impressionante, a história de sua vida, que durou apenas 51 anos.

No último dia 13 de julho, a França recebeu os restos mortais do general Charles Étienne Gudin de la Sablonnière, que morreu em 1812, durante a fracassada campanha russa do imperador dos franceses. Aquela desastrosa campanha, que redundou em tragédia, significou um enfraquecimento político e militar do imperador, nascido em Ajaccio, na Córsega. Carregaram o caixão do general, naquele 13 de julho, homens fardados de uniformes dos tempos de Napoleão Bonaparte, ao som de hinos marciais da época.

O general Gudin (seu nome de guerra) pertencia à nobreza do *Ancien Régime*, era conde.

O último enterro do bravo militar terá como destino o célebre memorial dos Inválidos, em Paris, no próximo dia 2 de dezembro, aniversário da Batalha de Austerlitz, ganha por Napoleão e uma de suas mais fulgurantes glórias militares. O Cemitério dos Inválidos (ou Palácio dos Inválidos) é uma monumental necrópole militar que acolhe também os corpos de civis famosos.

O general Gudin morreu durante a Batalha de Valutina Gora. Foi atingido por uma bala de canhão. Suas pernas foram amputadas, porque gangrenadas três dias após os profundos ferimentos. Muito amigo do colega militar, membro de seu Alto Comando, Napoleão lamentou profundamente sua morte e escreveu uma carta de condolências à condessa viúva.

Após a morte de Charles Étienne Gudin, seu coração foi retirado e se encontra no célebre cemitério parisiense Père-Lachaise. O general recebeu do imperador a Grande Cruz da Legião de Honra. O nome completo do general Gudin (nascido em 1768, um ano antes de Napoleão) está inscrito no Arco do Triunfo. Quando morreu, ele tinha apenas 44 anos de idade.

Voltemos à fatídica invasão da Rússia. No seu livro *Napoleão – Uma vida*, o britânico Vincent Cronin escreve:

“Aqui, os ferimentos foram lavados com uma mistura de malvaíscos e envoltos em compressas de vinho. Um braço ou perna gravemente estilhaçado tinha de ser amputado, ou a gangrena se instalaria. Durante a batalha e as doze horas que se seguiram, Larrey, o cirurgião principal, um homem dedicado de quem Napoleão gostava muito, serrou duzentos membros. Ele considerava essencial a amputação em 24 horas, ‘enquanto a natureza ainda está calma’. Os únicos auxílios eram um guardanapo para se morder, às vezes um gole rápido de aguardente.” (Editora Amarilys, São Paulo, pág. 320.)

Mais adiante, na mesma página, Vincent Cronin relata:

“Em Borodino, as perdas russas em mortos e feridos foram de 44 mil – apenas 2.000 haviam sido feitos prisioneiros; as baixas francesas foram de 33.000. Aritmeticamente, e considerando que a estrada para Moscou agora estava aberta, Borodino foi uma vitória francesa, mas não foi uma vitória esmagadora como a que Napoleão estava esperando. Sem dúvida, havia custado a Napoleão um grande número de oficiais veteranos, incluindo quarenta e três generais. Foi, ele considerou, a batalha mais terrível que ele já lutara.”

No seu longo e generoso testamento, Napoleão deixou 100.000 francos para o cirurgião-mor Larrey, por ser “o homem mais virtuoso que conheci”.

Cumpra registrar neste artigo um trecho de outro ilustre historiador. Refiro-me a Nigel Nicolson e seu livro *Napoleão: 1812*, edição brasileira da Nova Fronteira, Rio, 1987. Ali, na pág. 92, o leitor encontrará esta passagem impactante:

“Muito diverso foi o destino, muito diversa foi a história do general Gudin, ferido de morte em Valutina. Foi trazido, agonizante, para Napoleão, em Smolensk, com as duas pernas dilaceradas. Todo o exército pranteou-o quando foi enterrado na cidadela. Ségur disse dele: ‘Era justo, amável, competente e honrado – uma combinação rara numa época em que, com muita frequência, os homens de bom caráter não possuíam competência, e aos homens competentes faltava a menor moralidade.’ Foi o primeiro general do Grande Exército a perder a vida naquela campanha.”

Os russos incendiaram Moscou e outras regiões do país, dificultando a ação dos invasores. O intenso frio de até 20 graus negativos (o chamado General Inverno) e a fome colaboraram para o fracasso da campanha napoleônica.

Depois da derrota, Napoleão e assessores próximos bateram em retirada para Paris. Partiram de Smorgony, além do rio Berezina. Passaram por Vilna, Varsóvia, Dresde, Mainz. No início da dramática viagem na neve e sobre o gelo, usaram três trenós. Num deles, iam o imperador e, a seu lado, o general Caulaincourt, duque de Vicenza. Para despistar, Napoleão passou a ser o conde de Reyneval, auxiliar do duque. O grupo de fúgtivos viajou também em caleche, landau, cabriolé e, finalmente, numa tosca, incômoda, pesada e lenta carruagem do Correio. Foi assim que eles chegaram a Paris, na noite de 18 de dezembro de 1812. Foram treze dias de dura viagem até o Palácio das Tulherias. Estavam todos irreconhecíveis e estafados.

No *Memorial de Santa Helena*, Napoleão admite os erros estratégicos que cometeu na imensa Rússia, especialmente em Smolensk, esperando o armistício que não veio, da parte do czar Alexandre, mas culpou as condições climáticas.

Apesar de algumas vitórias, o imperador perdeu a Batalha de Leipzig ou Batalha das Nações. Pressionado, abdicou em Fontainebleau. Foi exilado na Ilha de Elba, de onde fugiu e retomou o trono. Foi o chamado Governo dos Cem Dias; segundo Vincent Cronin, na verdade 136 dias.

Recomendo aos eventuais leitores deste artigo mais um livro, desta vez *Napoleão – Uma biografia política*, de Steven Englund. Ali, na pág. 414, encontramos:

“Napoleão comentaria em Santa Helena (não uma, mas várias vezes): ‘Eu deveria ter morrido em Moscou. Nesse caso teria provavelmente tido a reputação do maior conquistador de todos os tempos. Depois (de Moscou) a sorte deixou de me sorrir.’” (Rio, Zahar, 2005.)

Depois veio a grande derrota de Waterloo, em 1815. Napoleão, forçado a abdicar, tornou-se prisioneiro dos ingleses, a bordo do navio de guerra Bellerophon, com 74 canhões. Pensava que seguiria para o exílio na Inglaterra, segundo seu pedido de asilo ao governo inglês, mas seu destino seria a longínqua Ilha de Santa Helena. O destronado imperador foi transferido, irado, para o HMS Northumberland, uma grande fragata de guerra sob o comando do almirante Cockburn. Fora condenado a um exílio perpétuo num rochedo fantasmagórico de ventos e chuvas cortantes.

Santa Helena, uma ilhota perdida no Atlântico Sul, entre o Brasil e a África. Uma ilhota de altos penedos, castigada pelos ventos e pelas chuvas. “Aquela rocha abandonada”, na expressão de Vincent Cronin. Na verdade, um pequeno posto militar inglês, com guarnição e dezenas de canhões. “Esta é uma ilha desgraçada, uma prisão”, esbravejou Napoleão, quando lá desembarcou. Era mesmo, e ele sabia que só por milagre fugiria daquele inferno patrulhado dia e noite. Longe de Marie Louise, longe do filho ainda criança, cercado de sentinelas o tempo todo, implacavelmente. Para piorar, o prisioneiro criou vários casos com o governador da ilha, o oficial inglês Hudson Lowe, futuro Sir Hudson Lowe, que se tornou seu carrasco, seu Sanson sem a guilhotina.

O exílio prisional na inóspita e soturna Santa Helena, numa modesta casa de fazenda, com curral e tudo, no distrito de Longwood, longe da França 8 mil quilômetros, foi um terrível castigo para o antigo tenente corso, o *Petit Caporal* que estudara na Escola Militar de Brienne. Ele perdera o trono, o Império, a mulher e o filho, mas não a glória. Contudo, ele ainda tinha esperança de sair dali. Passou a usar, às vezes, um grande chapéu de palha e inventou criar ovelhas e plantar árvores e um jardim, para se lembrar do palácio de Malmaison e dos belos jardins da primeira mulher, Josephine, que morrera em 1814. Era preciso encher o tempo, vencer o ócio. Ditou então suas memórias e testamento ao Conde de Las Cases e a outros assessores, como Montholon, Bertrand e Gourgaud.

“As nuvens passam tão baixo por cima dos rochedos de Santa Helena que as extremidades aderem a eles como véus brancos de fantasmas”, escreve o escritor russo Dimitry Merejkovsky (1865-1941) à pág. 107 de sua biografia Napoleão. Ele acrescenta, a seguir, que Santa Helena é “o túmulo onde o enterraram vivo”.

Por sua vez, em seu *Napoleão – Uma biografia ilustrada*, André Maurois escreve, à pág. 142:

“Algumas vezes, em Santa Helena, naquele deserto de amargura e tédio, desejei ter morrido em Moscou. ‘Sire’, respondia Las Cases, ‘a história ficaria privada do retorno de Elba, o mais heroico ato que homem algum jamais realizou...’ *‘Eh bien’*, diz o Imperador, ‘imagino que tenha havido algo de valor naquilo. Mas digamos Waterloo... Era lá que eu devia ter morrido.’ Esses construtores de glória desligam-se da própria existência, pairam acima dela e só a veem como obra de arte. Mas Napoleão, em seus dias de perfeita lucidez, sabia que Santa Helena era o sórdido, o sublime e o indispensável epílogo de sua história. Ao perder uma jogada, ganhou o jogo. O túmulo do Imperador, na cripta de Les Invalides, permanece para os franceses um lugar de peregrinação, e não só por causa de Arcole, de Austerlitz e de Montmirail. A França moderna sabe que foi modelada por essa bela mão.” (São Paulo, Globolivros, 2013.)

Foram cinco anos e meio de sofrimento e meditação. As gerações futuras também meditariam sobre Santa Helena, sobre o poder e a queda, o fastígio e a derrota, a ambição e o abandono. Sobre o melancólico fim de um homem que forjou sua epopeia. Por isso, o biógrafo Jean Paul Kauffmann escreveu: “Não visitamos Longwood; Longwood nos visita.”

A morte viria em 5 de maio de 1821. O médico, Dr. Francesco Antommarchi, um corso de apenas 33 anos, tido como grosseiro, e a quem o imperador detestava, gentilmente fechou os olhos do famoso morto e parou o relógio. Eram 17h49, e o sol melancolicamente descaía sobre a desolada ilha atlântica. Chovia naquele dia. E à tarde a chuva se transformou num medonho temporal.

O Dr. Antommarchi, perito em autópsias, constatou no estômago do imperador uma úlcera cancerosa bastante extensa, que nunca fora devidamente combatida. Mas a hipótese do envenenamento por arsênico, a mando dos Bourbons, persiste até hoje, e bem latente no imaginário popular.

Napoleão Bonaparte foi enterrado no dia 8, em cova simples, com uma grande pedra por cima, sob o olhar inamistoso do governador militar Hudson Lowe. Houve uma singela cerimônia religiosa. Lowe perguntou ao general Bertrand se desejava dizer algumas palavras, mas ele estava muito consternado e declinou do honroso convite. Ocorreu uma modesta cerimônia militar por parte dos soldados ingleses, com bandas tocando músicas fúnebres e com disparo de três salvas de mosquetaria.

Naquela tarde, um navio de nome Heron foi despachado para a Inglaterra, levando a notícia da morte e sepultamento do célebre prisioneiro.

Só em 1840 seus restos mortais seriam levados para Paris, onde se realizou um majestoso funeral de Estado, sob o governo do rei Luís Felipe. O sóbrio e elegante túmulo do imperador está no complexo mortuário dos Inválidos. Não há registro de seu nome. Não é necessário. Só há esta inscrição: L’EMPEREUR. Todos sabem quem eternamente repousa ali.

Assim, o general Gudin e o general Bonaparte, seu comandante, se encontrarão novamente, agora nos Inválidos. Eles terão, portanto, dois enterros, sob as Águias gloriosas, dos tempos em que o sol brilhava em Austerlitz, Wagram e Marengo.

*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



ANA BOTAFOGO – ARTE E VIDA

Ana Botafogo – Palco e vida, livro biográfico de uma das maiores bailarinas clássicas brasileiras, é assinado pelo pai dela, o médico-cirurgião Ernani Ernesto Fonseca, de 95 anos, que acompanhou bem de perto a carreira da estrela, colecionando fotos, notícias, cartazes e programas ao longo de mais de quatro décadas. O resultado é uma obra robusta, com material inédito que alia a gama de conhecimento com a elegância das palavras e imagens bem escolhidas, brindando o leitor com quase mil páginas de puro encantamento.

Ana Botafogo está completando 40 anos de Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1981, aos 24 anos, ela se tornou a primeira-bailarina da companhia. No prefácio,

Ernani Fonseca destaca, com a humildade generosa, característica da genética, o propósito principal da publicação: “Minha intenção é contar, por meio da carreira de Ana, um pouco da história do ballet no Brasil.” A apresentação é assinada pela ex-diretora do Theatro Municipal, Dalal Achcar, que afirma jamais ter visto semelhante trajetória de sucesso, no balé nacional, como a traçada pela estrela, que se tornou símbolo da dança no país. Na introdução, o acadêmico Arnaldo Niskier relembra o recorde de aplausos nas apresentações da bailarina, destacando que Ana Botafogo marca uma era em nossa cultura: “Vale a pena recordar seus feitos.”

A ÁFRICA E OS AFRICANOS

Em *A África e os Africanos na História e nos Mitos* (Ed. Nova Fronteira, 2021), o acadêmico Alberto da Costa e Silva faz uma viagem às várias Áfricas que coexistem. Motivado pelo prazer intelectual e pela alegria das descobertas, estabelece aproximações e diferenças, descortinando múltiplos enfoques para o tema. Costa e Silva reuniu fragmentos de histórias orais, transcrições de época, tradições e relatos de povos, líderes, linguistas, viajantes e estudiosos, resultando numa narrativa fluida e muito interessante, com erudição, sensibilidade e profundidade histórica. São 18 capítulos, que vão da *História da África*, passando por *Africanos no Brasil*, *Para uma história comparada da escravidão*, até *O império, por despedida* e *Lagos*, entre outros títulos.

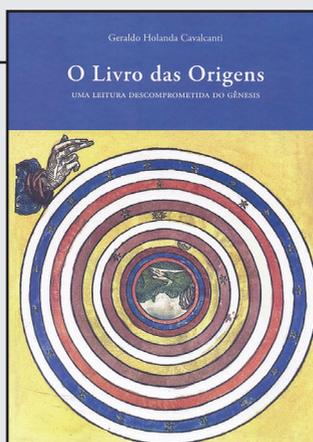
Escritor premiado, quarto ocupante da Cadeira nº 9, eleito em 27 de julho de 2000, Alberto da Costa e Silva presidiu a Academia Brasileira de Letras, entre 2002 e 2003. Foi membro do Conselho Nacional de Direito Autoral, entre 1984 e 1985; do Comitê Científico do Programa Rota do Escravo, da UNESCO, de 1997 a 2005 e do Júri do Prêmio Camões em 2001 e 2003. É membro do PEN Clube do Brasil, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História.



O LIVRO DAS ORIGENS

O Livro das Origens: Uma leitura descomprometida do Gênesis (Ateliê Editorial, 2021), do acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti, busca, como revela no título, ser uma leitura imparcial do Gênesis da Bíblia cristã. O texto bíblico é analisado, na medida do possível, como narrativa autorreferente, livre da carga exegética de natureza semântica, sectária, erudita ou confessional. O leitor terá a atenção chamada a todo instante para a literalidade da narração, com suas incoerências e contradições. Documento literário histórico, o Gênesis sofreu influência de mitos e textos literários religiosos de civilizações a ele anteriores. Este livro detém-se constantemente nesse aspecto intercultural e literário, articulando-se com outros dois de autoria do acadêmico: o *Cântico dos Cânticos* e *As Desventuras da Graça*.

Nascido no Recife, em 6 de fevereiro de 1929, Geraldo Holanda Cavalcanti presidiu a Academia Brasileira de Letras em 2014 e 2015. Trabalhou no serviço diplomático desde 1954. Em 1978, foi designado Embaixador junto à UNESCO. Recebeu diversas condecorações no Brasil e no exterior. Em 2001, passou a dedicar-se exclusivamente à atividade literária. Em 2004, foi eleito presidente do Pen Clube do Brasil. Membro Efetivo da Academia Mexicana de Direito Internacional é vice-presidente da Fundação Miguel de Cervantes de Apoio à Leitura, membro do Conselho Editorial da Revista Poesia Sempre da Fundação Biblioteca Nacional, e do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, Indústria e Turismo (CNC).



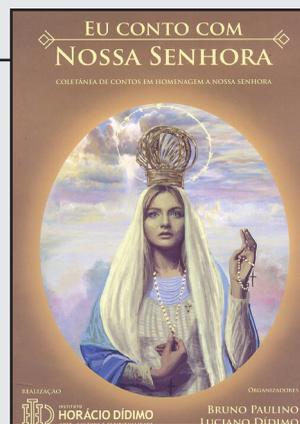
EU CONTO COM NOSSA SENHORA

Na antologia *Eu Conto com Nossa Senhora*, Bruno Paulino e Luciano Dídimo reúnem, além de dois con-

tos próprios e ilustrações diversas, 53 outros textos que trazem ao leitor aspectos do imaginário literário – e popular – em torno das muitas faces, nomes e representações de Nossa Senhora.

A riqueza estética e a diversidade dos escritos evidenciam a fé nas mensagens de transcendência. A obra é prefaciada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Orani João Tempesta, que ressalta o sabor próprio da religiosidade brasileira, claramente esboçado nos contos que compõem o livro: “O conteúdo dos relatos nos revelam a beleza da sabedoria popular, através de histórias sobre situações e sentimentos que povoam o contexto de tantas vidas comuns, mas transformadas em testemunhos, enquanto marcadas pela fé.”

Bruno Paulino do Nascimento é quixeramobinense, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, professor de Língua Portuguesa, é autor de *Pequenos Assombros* (2018). Luciano Dídimo Camurça Vieira é natural de Fortaleza (CE). Poeta e escritor, graduado em Administração e em Direito, é presidente da Academia Brasileira de Hagiologia, membro da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará e presidente do Instituto Horácio Dídimo. Autor dos livros de poemas *A Rosa da Certeza* (2016), *A Rosa Marrom* (2020) e *A Rosa Verde* (2021).

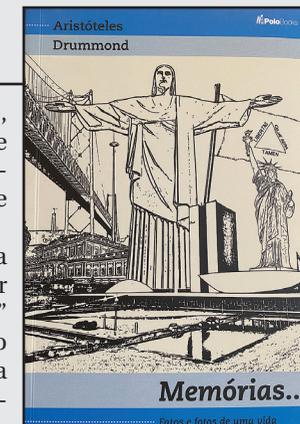


MEMÓRIAS... FATOS E FOTOS DE UMA VIDA

Memórias... Fatos e Fotos de uma Vida (Ed. PoloBooks, 2021), de Aristóteles Drummond, é o resultado de uma longa e profícuva vivência, em diferentes pontos de atuação, marcada por encontros ao longo de uma trajetória de 76 anos de vida e 55 de trabalho.

Bisneto de Augusto de Lima e neto do historiador Lima Júnior, o jornalista, escritor, político, executivo do setor elétrico e, ainda, “conservador, católico, guloso e liberal” (como se apresenta no início do livro), o que não faltam são histórias, na vida de Aristóteles Drummond, que apresenta relatos, testemunhos, opiniões e recordações de uma jornada plena de realizações. Pautado nos princípios da cordialidade, fraternidade, tolerância, humildade, generosidade e, sobretudo, honestidade com suas próprias ideias, o autor nos brinda com uma leitura fluida e saborosa, daquelas que deixam saudades quando se chega à última página. A obra apresenta 19 textos, recheados com fotos de arquivo, e um “não prefácio”, que anuncia, nas páginas finais, a reprodução dos prefácios dos livros anteriores, assinados por Marco Maciel, Murilo Badaró e Antonio Olinto. As orelhas são de José Lorêdo Filho e José Fernando Aparecido e Oliveira. No total, 324 páginas imperdíveis.

Nascido em 1944, no Rio de Janeiro, Aristóteles Colombo Drummond é jornalista desde os 18 anos, tendo ingressado na carreira em 1964, nos *Diários Associados*.



TURCO POBRE, SÍRIO REMEDIADO, LIBANÊS RICO

O livro *Turco Pobre, Sírio Remediado, Libanês Rico – A trajetória do imigrante Libanês no Espírito Santo* (Instituto Jones Santos Neves) é resultante da dissertação de mestrado da professora Mintaha Alcuri Campos, defendida na Universidade Federal Fluminense, em 1984.

Com uma pesquisa de fôlego, escrita clara, sem postura acadêmica, o texto resgata a trajetória da imigração libanesa no Espírito Santo, tornando-se referência para os estudiosos da historiografia.

Mergulhada em fontes que variam de Arquivos Públicos de vários municípios a entrevistas com imigrantes e filhos de libaneses, a pesquisadora revisitou as razões da saída do Líbano, as inserções na economia do estado, os processos de mudança cultural e a religiosidade, costurando o fio da narrativa sem perder as rédeas da história. O resultado é uma obra de consulta obrigatória para os interessados no tema.

Mintaha Alcuri Campos é filha de libaneses, nascida na cidade de Alegre (ES), em 19 de maio de 1930. Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, foi professora do Departamento de História do Centro de Estudos Gerais. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (RJ) e musicista formada pela Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, é também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.



**MARGARETH DALCOLMO**

Um tempo para não esquecer

Arnaldo Niskier: Hoje, com prazer imenso, recebemos a visita da Dra. Margareth Dalcolmo. Ela já esteve aqui em outro momento da crise que chamamos “Crise da Covid” e, agora que as coisas parecem que estão melhores, gostaríamos de ouvi-la sobre a atualidade da Covid. O que nos espera, Dra. Margareth?

Margareth Dalcolmo: Poderia responder brincando, dizendo que essa é a pergunta de um milhão de dólares, porque não sabemos tudo, mas tem um prognóstico positivo que acho que podemos passar. A pandemia não acabou ainda, temos uma taxa de transmissão que diminuiu muito. O Rio de Janeiro, neste momento, tem boa cobertura vacinal, São Paulo também, vários estados, como Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, alcançaram uma taxa de vacinação muito boa. A terceira dose tem sido aplicada com bela adesão da população. A terceira dose faz uma diferença enorme. Alguém já perguntou para mim: “Por que vocês não disseram isso antes?” Nós não sabíamos, a doença é nova. A cada mês que passa, saem vários trabalhos publicados e aprendemos muito. Aprendemos que, nas pessoas que tem Covid-19, a imunidade vai embora rápido, muito rápido. Portanto, esse discurso que é dito de que era para deixar todo mundo ficar doente é uma bobagem, porque a imunidade conferida pela doença é efêmera. A imunidade duradoura é a que a vacina nos dá. A dose de reforço faz com que tenhamos uma produção de anticorpos neutralizantes muito maior, quando se faz esse reforço sobre as duas doses anteriores ou sobre uma dose, quem tomou a Janssen, por exemplo, que é uma dose só. Não há dúvida, o resultado de proteção é muito bom e o Brasil tomou a decisão correta de vacinar todas as pessoas, a partir de certa idade, neste momento, mais todas aquelas que sejam portadoras de doenças de imunodeficiência. No final das contas, todo mundo vai ser vacinado, é só uma questão de tempo.

Arnaldo Niskier: Por falar em tempo, com sua larga experiência nessa área, a senhora não acha que demoramos muito a tomar certas providências essenciais em relação à vacinação?

Margareth Dalcolmo: Com certeza. Com certeza. Vamos fazer uma matemática simples. O Brasil foi um local onde se realizaram os melhores estudos de fase 3 das vacinas. Aqui fizemos fases 3 da Janssen, da Pfizer, da CoronaVac, da AstraZeneca. Naquele momento em que fazíamos os estudos, todos tiveram participação de pesquisadores brasileiros. O Brasil contribuiu com quase 50% dos voluntários incluídos nesses estudos e, naquele momento, deveríamos ter feito as encomendas como todos os outros fizeram.

Arnaldo Niskier: Por que não fizemos?

Margareth Dalcolmo: Porque o governo não fez o que tinha que fazer. O dever de casa era gover-

namental. O PNI, o nosso PNI, do qual sempre nos orgulhamos, entrou na pandemia esfacelado, então não foram feitas as encomendas. O que aconteceu foi que se fechou o ano de 2020 com 10 países tendo comprado 75% das vacinas do mundo. Isso foi muito injusto, porque impediu que tivéssemos acesso às vacinas no momento mais precoce. Poderíamos ter iniciado nossa vacinação em dezembro e só fomos começar no final de fevereiro...

Arnaldo Niskier: Apesar dos esforços do Butantã e da Fiocruz, que também esteve à frente desses trabalhos.

Margareth Dalcolmo: Nós que estamos produzindo vacina. A vacina da AstraZeneca hoje é totalmente brasileira, já estamos fazendo o IFA no Brasil. Recebemos ainda IFA importado, para dar vazão a demanda que temos que atender, mas, lembrando, como lhe disse, que todo mundo será revacinado com a terceira dose. Já estamos na faixa de idade de 60 e poucos anos, mas todas as pessoas serão revacinadas. Hoje há uma informação que é muito importante, estamos vacinando nossos adolescentes. Por isso, fui tão veemente, quando teve aquela Portaria desastrosa, dizendo que ia suspender a vacina dos nossos adolescentes. Vocês lembram que, imediatamente, disse que a comunidade acadêmica jamais aceitaria isso e a sociedade brasileira não poderia aceitar. Os adolescentes são responsáveis pela grande mobilidade social. Eles saem de casa, pegam ônibus, metrô, trem, barcas, então têm que ser protegidos e estão protegidos. Agora, muito provavelmente, tudo indica, considerando que a Pfizer já submeteu ao FDA, nos Estados Unidos, autorização regulatória para as crianças. Acho que, se lá for aprovado, rapidamente a Anvisa deve aprovar vacinar nossas crianças também, abaixo de 11 anos, de 5 a 11 anos. Isso também pega uma faixa pediátrica muito importante.

Arnaldo Niskier: Não vai faltar dinheiro para isso tudo? O que lhe parece?

Margareth Dalcolmo: Claro que não. O Brasil é um país que não depende de nada, basta ter decisão política correta, ouvir a ciência, não ficar perdendo tanto tempo. Tanta energia gasta nos fazendo nos ocupar para desconstruir tanta informação boba, que é dita de maneira muito impune, até dizer que vacinar contra a Covid-19 (essa coisa tão preciosa que o homem foi capaz de fazer, que foi criar a vacina, nesse período tão pequeno, sem pular nenhuma das etapas éticas) dá AIDS ou bobagens e tolices dessa natureza. É muito ruim, porque isso dá trabalho. O Brasil é um país com essa desigualdade, tem muita gente que não tem o mesmo nível de educação e, portanto, as condições de julgar e separar o certo e o errado, então dá trabalho para nós. Temos que vir a público dizer que isso é uma bobagem. É muito triste, porque isso contamina algumas pes-

soas, contamina determinados grupos, por diversas razões, porque não sabem fazer a diferença, não tem a quem perguntar, ou por um componente muitas vezes até de religião, que é outra coisa que, muitas vezes, nos dá muito trabalho para desconstruir... Então, foi muito ruim, foi bem desagradável.

Arnaldo Niskier: A Dra. Margareth Dalcolmo acaba de escrever um livro, vai lançar no início de dezembro, chamado *Um Tempo para Não Esquecer*. Querida que nos contasse qual o propósito deste livro.

Margareth Dalcolmo: O livro é um pouco a cronologia de todos os artigos que escrevi no *O Globo* ao longo desse período, desde abril de 2020. Reuni todos os artigos e vou publicá-los sem corte. É uma cronologia, na verdade, de tudo que aconteceu. Como gosto muito de literatura, tem sempre uma veia um pouco literária também nas minhas...

Arnaldo Niskier: Abro um parêntese para dizer que a senhora é casada com o acadêmico Candido Mendes, que é uma das figuras notáveis da Academia Brasileira de Letras, meu amigo querido, professor Candido Mendes.

Margareth Dalcolmo: A Editora é a Bazar do Tempo, vou fazer um lançamento aqui no Rio de Janeiro, na Livraria Travessa do Leblon, no dia 8 de dezembro e, no dia 9, em São Paulo. É um olhar crítico sobre o que vimos, vivemos e aprendemos, um olhar sobre o futuro.

Arnaldo Niskier: Hoje, quando confirmei sua vinda ao nosso programa, a senhora estava gravando com a China. A senhora está chegando à China com suas ideias sobre a Covid?

Margareth Dalcolmo: Não, é que eu trabalho na Fiocruz, instituição que tem representatividade internacional muito grande e muita colaboração técnica na área de tecnologia, de inovação. Então, hoje houve essa reunião coordenada pelo Consulado da China no Rio de Janeiro e a Câmara de Comércio Brasil/China. Temos muita ligação com a Academia de Ciências da China, com o CDC, que é o Centro de Doença Chinês, que tem muita ligação de projetos em colaboração com a Fiocruz. Vários de nós participamos desses eventos com a China, além do que você sabe quanto gosto da China.

Arnaldo Niskier: É um contato muito importante, principalmente, porque, em algum momento, algumas autoridades brasileiras andaram falando e fazendo bobagem em relação à China. Isso é um absurdo completo, porque o Brasil tem imensos negócios com a China, negócios poderosos. Então, falar mal da China...

Margareth Dalcolmo: Escarneceu-se da vacina chinesa, quando a vacina chinesa salvou muitas vidas no Brasil. No início da vacinação, só tínhamos a CoronaVac, feita pelo Butantã, e muitas vidas foram salvas por ela, temos que reconhecer isso. Então, as relações do Brasil com a China são as melhores possíveis. Estive na China várias vezes. Vi grandes embaixadores brasileiros na China, vi um respeito ao Brasil e a nossa capacidade de fazer, de modo que temos que olhar essa grande civilização e esse país – com essa imensa capacidade de produção, de tecnologia, de inovação – com muito respeito, que é aquele que nós da Fiocruz temos em relação à China.

Arnaldo Niskier: E a tradição, o respeito oriundo de uma tradição cultural que a China impôs nas nossas relações que não pode ser abandonada de jeito nenhum, ao contrário, isso tem que ser respeitado em todos os momentos. Há alguns resquícios no país da presença da Covid perturbadora? Temos razões para nos preocupar que, em determinados

loais, ainda existam manifestações inquietantes sobre a Covid-19?

Margareth Dalcolmo: Ainda temos 400 mortes por dia pela Covid-19 no Brasil. Estamos no fim de outubro, quase final do ano. Temos algumas cidades, como o Rio de Janeiro, que estão com taxa de vacinação boa, tivemos um decréscimo na internação hospitalar bastante significativo, mas tememos várias coisas. Primeiro, precisamos vacinar mais pessoas e, particularmente, temo o final do ano. Tenho muito medo das festas de fim do ano. Essas aglomerações, essas liberações, ou seja, vamos jogar as máscaras para o alto, isso é uma bobagem, é um erro grande.

Arnaldo Niskier: A máscara ainda é necessária?

Margareth Dalcolmo: Não caiam nessa esparrela. As máscaras só podem ser liberadas por qualquer um de nós em ambiente ao ar livre. Se você me disser: “Vou passear no Jardim Botânico”, eu digo: “Pode ficar sem máscara”. Se você me disser: “Vou andar numa beira de praia sozinho, sem estar com outras pessoas”. Pode ficar sem máscara, mas não pode entrar no elevador sem máscara, não pode estar no seu local de trabalho sem máscara, os trabalhos estão voltando a serem presenciais, as escolas voltaram. Todo mundo tem que estar de máscara, as universidades podem voltar, mas todos terão que estar de máscara.

Arnaldo Niskier: Tem que respeitar o uso da máscara.

Margareth Dalcolmo: Todo mundo tem que estar testado e vacinado. Essas festas de final de ano me preocupam muito. Já externei minha posição, acho que não deveria ter Carnaval, deveria ser adiado, pelo menos, para o meio do ano, mas as decisões estão tomadas.

Arnaldo Niskier: A Dra. Margareth Dalcolmo, recentemente, venceu o concurso “O Globo faz a diferença” não só na categoria a que se dedica, que é a ciência, mas em todas as outras, o que prova o prestígio da Dra. Margareth hoje na ciência brasileira. Com essa sua experiência, o que nos espera em relação ao futuro? Estamos próximos do fim do ano, próximos ao que seria o Carnaval. Temos que ter cuidados especiais nessas épocas? O que lhe parece?

Margareth Dalcolmo: Acho que sim. No ano passado, lembro que teve gente que achou que eu era uma megera, porque disse que não podia nem ter festinha de Natal. Neste ano está melhor, podemos ter pequenas reuniões de família de Natal, de

Ano Novo, pequenas celebrações...

Arnaldo Niskier: Podemos cumprimentar o Papai Noel.

Margareth Dalcolmo: Podemos receber o Papai Noel desde que tenha tomado a terceira dose, porque ele é velho.

Arnaldo Niskier: Qual a importância da terceira dose? Fala-se tanto nisso.

Margareth Dalcolmo: Foram feitos estudos que provaram que a imunidade conferida, mesmo pela vacina, vai se estiolando um pouco depois dos 6 a 8 meses. Então, já tem estudo com recuo de um ano, vacinados com a AstraZeneca, por exemplo, que é a vacina que mostra grande capacidade de proteção após um ano. Quando você faz um estímulo imunogênico sobre o que você já recebeu, você aumenta a produção de anticorpos neutralizantes, perdura por mais tempo a proteção conferida por esse conjunto tão imunogênico. As vacinas são muito imunogênicas. Você me perguntava há pouco sobre a questão dos efeitos, por isso é que, às vezes, elas dão algum efeito adverso, desagradável. Elas são muito reatogênicas, nada grave, eventualmente uma dor de cabeça, uma febre. Eu mesma tive, quando tomei a segunda dose da AstraZeneca, e passa em 24 horas, nada que você não consiga controlar com uma medicação sintomática. Respondendo a sua pergunta, acho que nos espera o controle da pandemia, ao longo dos próximos meses, revacinar toda população, vacinar nossos adolescentes, nossas crianças, recuperar um pouco a economia com esse baque todo que tivemos. Se tivéssemos ajuda das nossas autoridades, que não têm sido nada felizes nas suas decisões, sobretudo no que tange à saúde, à educação.

Arnaldo Niskier: Equipes precárias.

Margareth Dalcolmo: Exato. Na educação, desastre que foi a condução da educação, da saúde. Acho que o resultado está aí mostrado nesse relatório de mil páginas da CPI.

Arnaldo Niskier: E nos surpreendemos negativamente a cada momento com cortes incriveis em verbas dedicadas ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Margareth Dalcolmo: Seiscentos milhões cortados da ciência brasileira.

Arnaldo Niskier: O que esse pessoal pensa? Que sem dinheiro vai se conseguir fazer alguma coisa?

Margareth Dalcolmo: Enquanto alguém olhar investir em ciência como gasto e não como investimento no nosso futuro, nas futuras gerações, alguma coisa está muito errada. Você não está consumindo, está investindo numa nova geração. Olha quantos cérebros preciosos o Brasil perdeu, que foram embora por não encontrarem aqui condições adequadas para trabalhar.

Arnaldo Niskier: O ministro da Economia disse que o ministro da Ciência e Tecnologia é muito burro. Olha que harmonia maravilhosa na equipe, o ministro da Economia chama o ministro da Ciência de muito burro. O que se pretende com esse tipo de tratamento?

Margareth Dalcolmo: Acho que o mínimo de processo civilizatório exige que colegas e congêneres se tratem com civilidade, com educação e com muito respeito. Foi assim que aprendemos e não foi a escola que nos ensinou isso. Quem nos ensinou foi nosso pai, nossa mãe. Desde que nascemos, ouvimos isso: “Tem que respeitar o igual, o que é diferente.” Enfim, a vida é bonita por isso. É inadmissível essa maneira de tratar, é muito difícil para aceitarmos como normal. Resumindo, acho que esperamos um ano ainda de 2022 difícil, ninguém pense que vai jogar máscaras para o alto, porque não vai. Ninguém vai embarcar num voo sem estar protegido com máscara, e o passaporte de vacinação é uma exigência absolutamente defensável, correta e em prol do bem comum. Então, para que não paire dúvida de que eu sou... sou defensora da exigência do passaporte de vacinação. Quem não está vacinado, não pode voltar ao trabalho presencial, não pode frequentar lugares públicos com outras pessoas, porque não estamos falando de uma doença simples, estamos falando de uma doença que transmite de uma pessoa para várias outras mesmo quando não tem sintoma.

Arnaldo Niskier: A senhora acha que ainda teremos o ano de 2022 difícil?

Margareth Dalcolmo: Acho que sim, muito menos do que foi 2021. Isso tudo se não surgir nova onda. Esperamos que realmente estejamos caminhando para certa normalização epidemiológica. Estou falando aqui de epidemiologia, mas podemos ser surpreendidos. Tem uma cepa nova que surgiu na Inglaterra há 10 dias, a delta plus, e não sabemos o quanto pode ser uma cepa complicada.

Arnaldo Niskier: Vamos rezar para que não chegue ao Brasil, que não nos atinja.

Fábula malvada

Por Jonas Rabinovitch*

Duas corujas conversavam.

A primeira, uma excelente fabricante de violinos mundialmente conhecidos e premiados.

A outra, uma internacionalmente famosa violinista virtuose, aclamada nos melhores palcos.

Na vida real, mesmo animais sábios como corujas são discretos e modestos. Nas fábulas, os animais parecem perder suas qualidades naturais e seu tempo discutindo frivolidades para tentar nos ensinar alguma lição.

– Pois se eu não fabricasse violinos você nunca teria tido a profissão de violinista.

– Ah, é? Mas o que seria um violino senão uma pequena caixa de madeira se eu não o tocasse?

Nesse momento, passou um papagaio de pirata que tinha perdido as mãos numa escaramuça em alto mar. O papagaio repetia sem parar:

– A vida é uma merda! A vida é uma merda!

As corujas se sensibilizaram com a situação daquele papagaio que nunca poderia fabricar ou tocar violinos. E disseram:

– Não diga isso meu amigo! A vida é bela!

O papagaio parou, refletiu por um minuto e seguiu repetindo:

– A vida é bela! A vida é bela!

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e Conselheiro Sênior da ONU em Nona York para Inovação e Gestão Pública.

Fernanda Montenegro no elenco da ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A votação que elegeu Fernanda Montenegro para a cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Letras (ABL) foi mera formalidade. Afinal, a Grande Dama do Teatro Brasileiro era a única candidata para a vaga. Eleita com 32 votos (2 em branco), a única atriz brasileira indicada ao Oscar, vencedora do Prêmio no Festival de Berlim e de incontáveis premiações nacionais e estrangeiras, Fernanda Montenegro vai ocupar a vaga deixada pelo acadêmico e diplomata Afonso Arinos de Melo Franco, falecido no dia 15 de março de 2020.

Os ocupantes anteriores da cadeira 17 foram: Sílvio Romero (fundador) – que escolheu como patrono Hipólito da Costa –, Osório Duque-Estrada, Roquette-Pinto, Álvaro Lins e Antonio Houaiss.

A presença da atriz ultrapassa o mundo da Literatura e a Academia Brasileira de Letras se esforçou para torná-la imortal. O estatuto da Casa de Machado deixa claro a reserva de vagas para personalidades de prestígio em suas áreas. “Fernanda Montenegro é um dos grandes ícones da cultura brasileira. Intelectual engajada e sensível leitora do real. Sua presença enriquece os laços profundos da Academia com as artes cênicas. Com ela, adentram luminosos personagens que marcaram gerações, passado, presente e futuro”, declarou o presidente da ABL, Acadêmico Marco Lucchesi.

Em 2018, organizado cuidadosamente pela própria atriz, o itinerário fotobiográfico de Fernanda Montenegro resultou numa caprichada publicação de capa dura, com 500 páginas, da *Edições SESC-São Paulo* (2018). A obra é dividida em 11 capítulos, narrando a trajetória pessoal e

profissional da grande dama, cuja carreira se confunde com a história da dramaturgia brasileira. O material inclui raridades do acervo de fotos de Fernanda e registros raros de atuação ao lado de outros grandes nomes do palco, como Nathália Timberg, Paulo Autran, Tônia Carrero e Sérgio Britto.

O livro demandou cerca de seis anos de trabalho editorial. Cada página foi pensada e posicionada conforme o fluxo temporal dos fatos, respeitando a sequência cronológica sempre que possível. A obra inclui também depoimentos de escritores, diretores, críticos de arte, atores e amigos.

Em 2019, no marco de seus 90 anos, a atriz publicou um livro de memórias, *Prólogo, Ato, Epílogo* (Cia das Letras), trazendo-nos o frescor de uma artista eternamente genial. São 328 páginas de uma prosa afetiva, inteligente e de extrema sensibilidade. Através de uma narrativa fluida e interessante, é possível conhecer seus antepassados – lavradores portugueses, do lado paterno, e pastores sardos, do lado materno.

MEMÓRIA

Nascida no dia 16 de outubro de 1929, no bairro do Campinho, Zona Norte do Rio de Janeiro, Arlette Pinheiro pisou em um palco, pela primeira vez, aos oito anos de idade para participar de uma peça na igreja. Mas sua estreia oficial ocorreu em dezembro de 1950, ao lado do marido Fernando Torres, no espetáculo *3.200 Metros de*

Altitude, de Julian Luchaire. Com o nome artístico adotado, Fernanda Montenegro se tornou sinônimo de excelência na Cultura do país.

Na Tupi, participou, por dois anos, de cerca de 80 peças, exibidas nos programas *Retrospectiva do Teatro Universal* e *Retrospectiva do Teatro Brasileiro*. Ganhou o prêmio de Atriz Revelação da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, em 1952. Mudou-se para São Paulo

em 1954, onde fez parte da Companhia Maria Della Costa e do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Com o marido, formou sua própria companhia, o “Teatro dos Sete” – acompanhada também de Sérgio Britto, Ítalo Rossi, Gianni Ratto, Luciana Petruccelli e Alfredo Souto de Almeida.

Em 1963, estreou na TV Rio, com as novelas *Amor Não é Amor* e *A Morta sem Espelho*, ambas de Nelson Rodrigues. Na recém-criada TV Globo, nesse período, fez participação na série de teleteatro 4 no Teatro (1965), dirigida por Sérgio Britto. Em 1967, também integrou o elenco da TV Excelsior: interpretou a personagem Lisa, em *Redenção*, de Raimundo Lopes.

Ao longo da carreira, a atriz participou também de minisséries como *Riacho Doce* (1990), *Incidente em Antares* (1994), *O Auto da Compadecida* (1999) e *Hoje é Dia de Maria* (2005). No caso da minissérie baseada na obra do Acadêmico Ariano Suassuna, Fernanda Montenegro viveu a própria *Compadecida*.

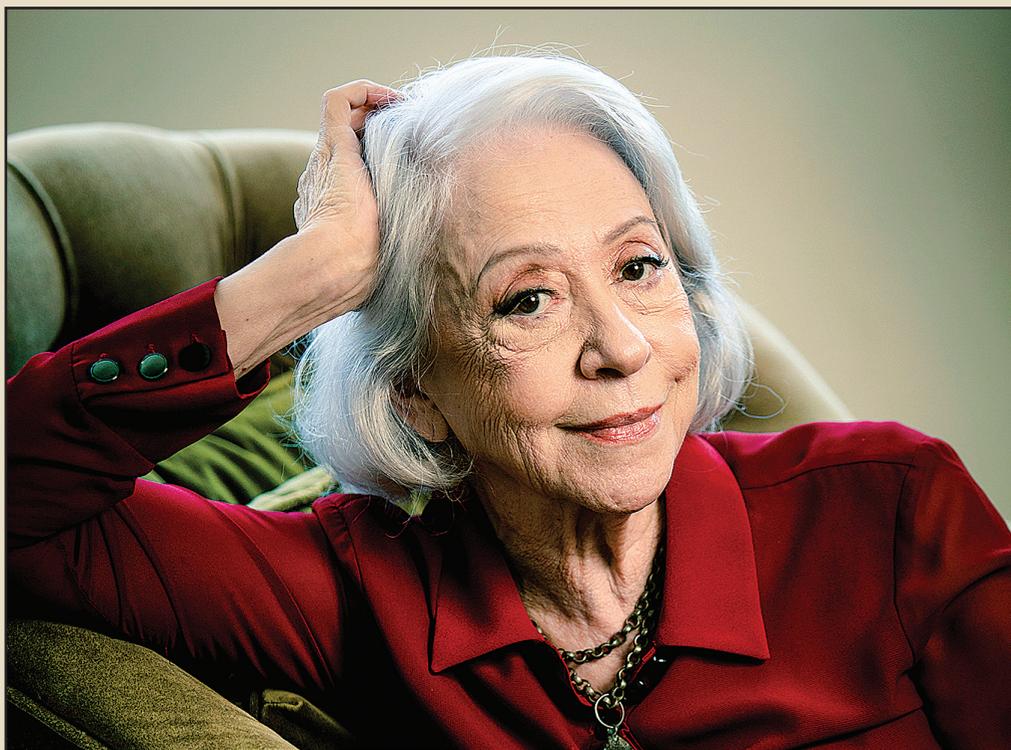
Em 1999, Fernanda Montenegro foi condecorada com a maior comenda que um brasileiro pode receber da Presidência da República, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito “pelo reconhecimento ao destacado trabalho nas artes cênicas brasileiras”. Na época, uma exposição realizada no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, comemorou os 50 anos de carreira da atriz. Em 2004, aos 75 anos, recebeu o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Tribeca, em Nova York, por sua atuação em *O Outro Lado da Rua*, de Marcos Bernstein.

Em seu celebrado livro de memórias, Fernanda registra páginas de grande emoção, onde nada lhe escapa: a lembrança dos desafios de criar os dois filhos sobrevivendo como artistas; a busca permanente pela qualidade; a persistência combativa durante os anos de chumbo; a capacidade constante de reinvenção; o padecimento de Fernando; o inesperado sucesso internacional, nos anos 1990; a crença na terra que acolheu seus antepassados imigrantes e a devoção por esse país.

Não há dúvidas de que a artista encarna o melhor do Brasil. Não surpreende que alguém que passou a vida memorizando textos tenha desenvolvido notável capacidade de lembrar, com tanta sutileza, fatos ocorridos décadas atrás.

Há anos encantando multidões em palcos e telas pelo mundo, Fernanda Montenegro revela-se, em *Prólogo, Ato, Epílogo*, uma verdadeira mestre contadora de histórias: “Não romanceei. Tenho quase um século de vida, portanto posso dizer: ‘Era no tempo do rei.’”

Viva nossa Rainha!



A ABL com o realce de Gilberto Gil

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Um dos maiores artistas da história do Brasil – e um dos mais reconhecidos fora dele – Gilberto Gil vai ocupar a cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras. A vaga foi aberta em maio do ano passado, com a morte do acadêmico Murilo Melo Filho. Esta foi a segunda eleição após a retomada das atividades presenciais na Casa de Machado, que ficou parcialmente fechada entre março de 2020 e outubro de 2021. A atriz Fernanda Montenegro foi eleita uma semana antes, para a cadeira 17.

O artista baiano, de 79 anos, era o favorito na disputa, recebendo 21 votos. Ele se junta a outros acadêmicos de notável trajetória na MPB, como o filósofo Antonio Cicero e o poeta Geraldo Carneiro, ambos letristas. Os outros candidatos eram o poeta e compositor Salgado Maranhão (7 votos) e o escritor Ricardo Daunt (nenhum voto). Participaram da eleição 34 Acadêmicos de forma presencial ou virtual (um não votou por motivo de saúde). Foram 4 votos em branco e 2 nulos.

Os ocupantes anteriores da cadeira 20 foram: Salvador de Mendonça (fundador) – que escolheu como patrono Joaquim Manuel de Macedo –, Emílio de Meneses, Humberto de Campos, Múcio Leão e Aurélio de Lyra Tavares. Após o anúncio do seu nome, Gil comentou a escolha e falou sobre o processo de sua candidatura: “Sou um autor de canções populares, de música popular; uma boa quantidade delas (são 600 pelo menos). Algumas com reconhecida qualidade literária, o que é um aspecto também que deve ser considerado. Muito do acolhimento dado pelos acadêmicos se deve ao fato de que há certa qualidade no meu trabalho poético, na minha escritura como compositor”, disse Gil, em entrevista.

Sua eleição representa um passo por maior diversidade na instituição. Já faz tempo que a Academia tenta abrir as portas para a cultura popular, o que pesou a favor do cantor e compositor baiano na disputa. Em 1996, ele lançou o livro *Todas as Letras*, reunindo suas composições, cumprindo o pré-requisito de ter, pelo menos, um livro publicado para se candidatar. Além de sua enorme discografia, já foi coautor de alguns livros, como *Gilberto Bem Perto* (Nova Fronteira, 2013), com Regina Zappa, e *Disposições Amoráveis* (IyáOmin, 2016), com Ana de Oliveira.

O ex-ministro da Cultura (de 2003 a 2008) já havia sido convidado pelos acadêmicos para se candidatar à vaga do crítico e historiador Alfredo Bosi, com quem tinha proximidade, mas acabou preferindo disputar a cadeira 20. O presidente da ABL, Marco Lucchesi, em comunicado oficial, declarou a alegria em recebê-lo: “Gilberto Gil traduz o diálogo entre a cultura erudita e a cultura popular. Poeta de um Brasil profundo e

cosmopolita. Atento a todos os apelos e demandas de nosso povo. Nós o recebemos com afeto e alegria.”

Gil acaba de voltar de uma turnê de 50 dias pela Europa com filhos e netos, e declarou que é com eles, no palco, que se sente mais imortal. Com relação à questão do espaço de afirmação e representatividade cultural do negro na instituição, o novo acadêmico acredita que a Casa de Machado está dando um recado ao Brasil. Um dos nomes mais importantes e premiados da música brasileira, sempre foi incansável na valorização da cultura afro: “Quando a Academia me acolhe, acolhe aquele que ela sabe quem é. O apreço que eu tenho pela formação negro-mestiça da sociedade brasileira. Os problemas relativos a isso e a necessidade de posicionamento em relação a esses problemas, que tem sido uma constante na minha vida.”

A questão da representatividade na ABL ganhou destaque nos últimos anos, especialmente após a campanha da escritora Conceição Evaristo, em 2018. Mesmo sem se eleger, sua candidatura mobilizou o movimento negro. Desde os fundadores, Machado de Assis e José do Patrocínio, até Evaristo de Moraes Filho, Octávio Mangabeira, Domício Proença Fº e João Ubaldo Ribeiro, a presença de negros vem aumentando, mas ainda é pequena, considerando a abrangência do país.

Autor de canções clássicas como *Aquele Abraço* e *Domingo no Parque* e de álbuns revolucionários como *Refavela* e *Expresso 2222*, Gilberto Passos Gil Moreira é um dos nomes que ajudaram a mudar não apenas a música brasileira, como a cultura como um todo, a partir das inovações e transgressões do movimento tropicalista nos anos 1960.

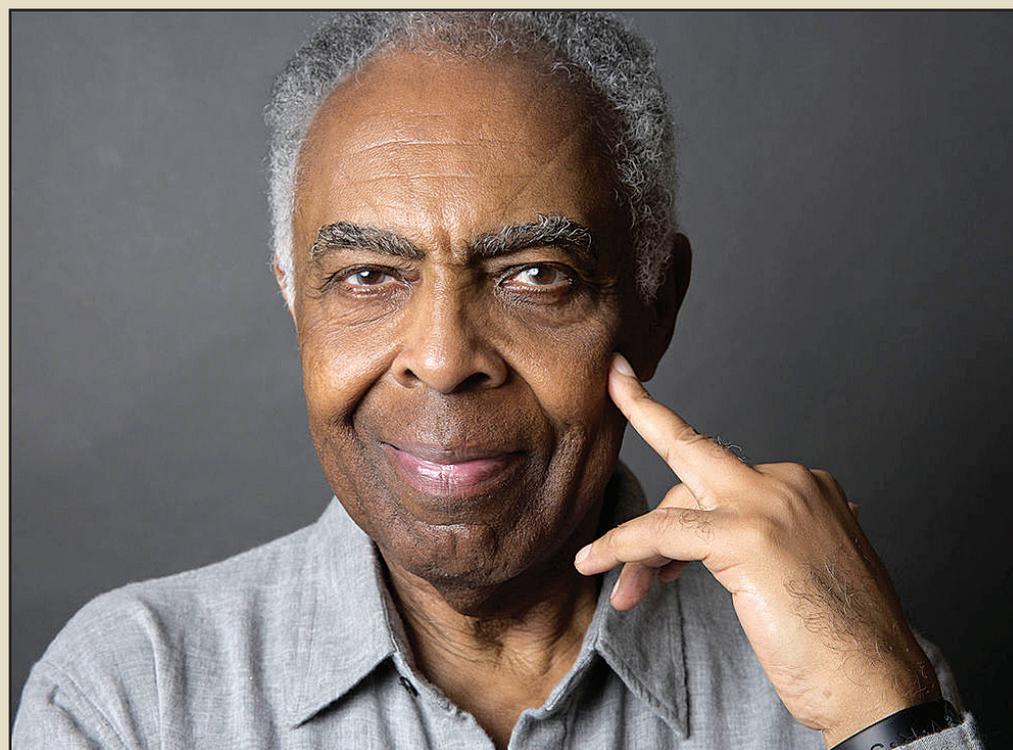
Em 1988, Gil foi eleito vereador em Salvador. Seu mandato foi marcado pela defesa de causas ambientais, que continuam sendo prioridades na agenda do artista filiado ao Partido Verde.

Vencedor de vários prêmios, entre eles o “Grammy Awards” e o “Grammy Latino”, rece-

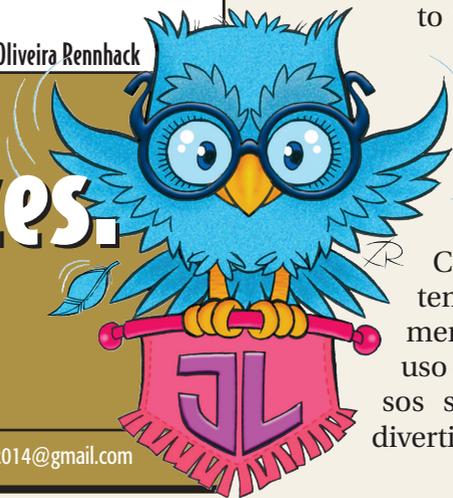
beu do Governo francês a “Ordem Nacional do Mérito”, em 1997. Dois anos mais tarde, foi nomeado “Artista pela Paz”, pela UNESCO. Foi também Embaixador da ONU para agricultura e alimentação.

Como ministro da Cultura, entre 2002 e 2003, tentou mudar o “conceito de cultura no país”, como afirmou na época. Durante sua gestão, o orçamento para o setor aumentou de 0,2% para 0,5% do PIB. Na ABL, Gil poderá usar sua vivência como artista e gestor de políticas públicas para trabalhar pela difusão da cultura. Em mais de cinquenta álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências.

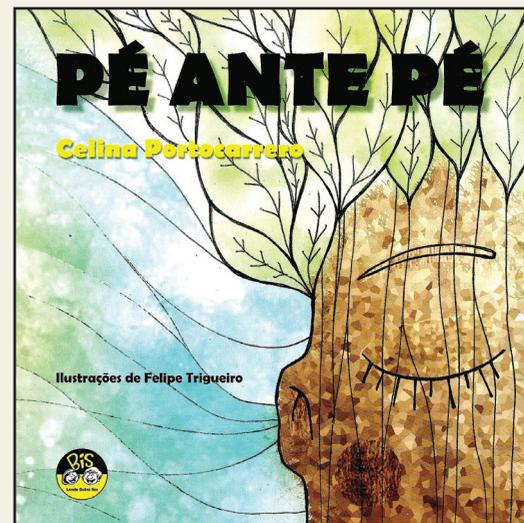
Em quase 60 anos de carreira, um dos criadores do Tropicalismo já deu várias voltas ao mundo, levado pela sua arte. São mais de 70 discos gravados, parcerias inesquecíveis e canções que viraram hinos. *Aquele abraço* ao novo imortal!



Fraternidade, luzes. Esperança.

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

(Ibis Libris) – O isolamento forçado dos últimos tempos nos afastou de queridos e de suas histórias. Nesse *Pé ante Pé*, (poema extraído do livro *Retratos*), Celina faz do *pé* o seu tema, mostrando inúmeras expressões com o uso da palavra em diversos sentidos. Criativo e divertido!

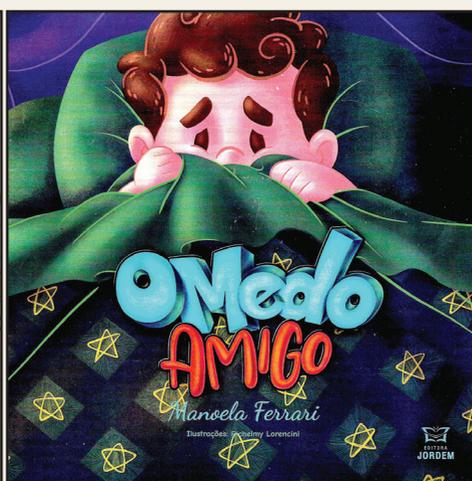
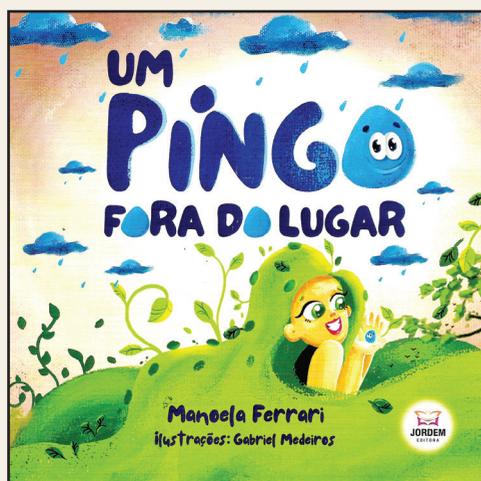


Renovam-se as esperanças com as confraternizações, desejando felicidade, saúde e paz. Renovam-se os valores e sentimentos, pensando em um mundo melhor, com justiça social, fraternidade e respeito ao próximo. Que tudo isso aconteça dentro de nós e que se multiplique, transformando cada um em multiplicador de amor e paz. Não dá mais para esperar, tem que ser agora e para sempre. Que venham as mudanças!

Que o colorido da nossa página e o encantamento das histórias possam animar os pequenos leitores com aventuras e magia.



Eu Falo como um Rio – Texto de Jordan Scott, belíssimas ilustrações de Sidney Smith e tradução de Julia Bussius (Pequena Zahar) – Cada um de nós deve conhecer ou ter convivido com uma criança com dificuldades na fala. Baseado na experiência pessoal do autor, esse livro é *para quem se sente perdido, solitário ou incapaz de se adaptar. E se as palavras ficassem presas no fundo da boca sempre que você tentasse falar? E se elas nunca saíssem do jeito que você espera?* Sensível, delicado, poético! Uma linda história.

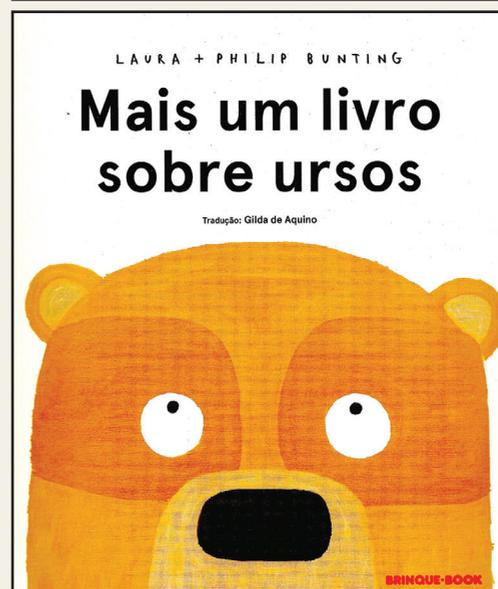


O Medo Amigo – Um Pingo Fora do Lugar (Editora Jordem) – Manoela Ferrari, autora experiente e amiga querida das páginas do JORNAL DE LETRAS, apresenta nessas duas obras sentimentos e preocupações com situações cotidianas e que muito nos afligem. Em **O Medo Amigo** (ilustrações de Rychelmy Lorencini), cria uma viagem mágica para o pequeno José enfrentar suas aflições – claro que com a ajuda do vovô! Em **Um Pingo Fora do Lugar** (ilustrações de Gabriel Medeiros), uma gotinha de chuva esperta vence os inimigos da Floresta – um texto divertido que desperta para as atuais preocupações ambientais.

Pé Ante Pé – Celina Portocarrero escreveu e Felipe Trigueiro ilustrou



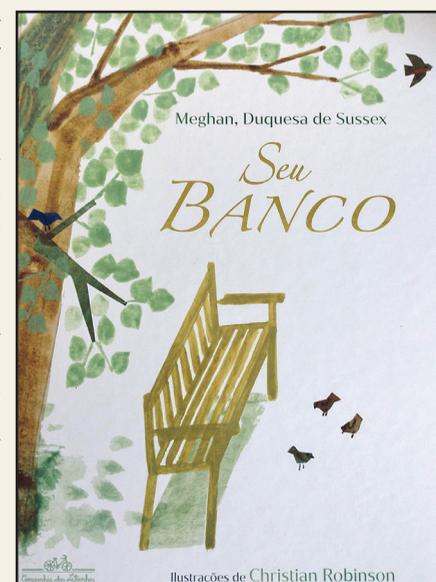
Sete Saias De Filó – Anderson de Oliveira escreveu e Adriana Leão ilustrou (Compor) – No ano passado, exatamente em dezembro, ao citar o livro *Socorro*, da Silvana Rando (Escarlate), comentei a minha dificuldade para lidar com histórias cujos personagens são **baratas**!!!! E eis que aparece mais uma e tenho que me envolver novamente com o inseto... Sem mencionar a cantiga infantil (A barata diz que tem sete saias de filó, é mentira da barata, ela tem é uma só...), mas claramente fazendo menção a ela, o autor cria uma biografia da barata com jogo de palavras e situações divertidas, traçando um paralelo com o cotidiano e as dificuldades da vida, Adorei!!!



Mais um Livro sobre Ursos – Laura (escreveu) e Philip Bunting (ilustrou), tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – Quando os autores começam a contar uma nova história, o personagem principal se rebela e decide que está cansado de histórias de ursos. *Vocês sabem quantas histórias de urso existem? Chega! Quero descansar!* Ele se propõe a ajudar na seleção de outros animais para a história. Será que vai dar certo?

E você, conhece muitas histórias de urso? Eu gosto muito de **O Urso Sonolento** (texto e ilustrações de Nick Bland, tradução de Gilda de Aquino – Brinque-Book).

Seu Banco – Meghan, Duquesa de Sussex, ilustrações de Christian Robinson, tradução de Nina Rizzi (Companhia das Letrinhas) – Quando Archie, o primeiro filho do príncipe Harry e de Meghan, Duquesa de Sussex, nasceu, ela escreveu um poema das expectativas da relação pai e filho, como seria acompanhar a criança ao longo do seu desenvolvimento, sentados em um lindo banco. E assim nasceu essa história.



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

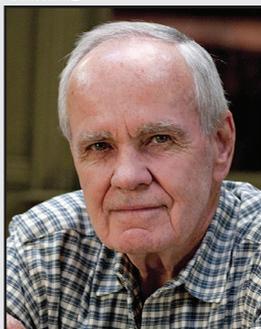


ROBERTO BOLAÑO ÁVALOS

(Santiago do Chile, 28 de abril de 1953 – Barcelona, 15 de julho de 2003) Aos 15 anos, mudou-se para a Cidade do México e abandonou os estudos. Começou a trabalhar como

jornalista e a ter relação com as ideias de esquerda. Retornou ao Chile em 1973 e ajudou no movimento revolucionário que elegeu Salvador Allende. Augusto Pinochet encarcerou Roberto Bolaño na cadeia sob a acusação de terrorismo. Só foi solto porque os carcereiros eram ex-colegas de escola. Após isso, virou um andarilho pela América Latina e Europa. Ao mesmo tempo em que se dedicava aos ideais de esquerda, Roberto Bolaño iniciava uma carreira literária. Foi membro fundador de um movimento poético conhecido como Infrarrealismo. Mudou-se para Espanha, em 1977. Apesar das dificuldades, trabalhava durante o dia e escrevia à noite. Foi nessa época também que se casou, fato que mudou sua vida literária. Inicialmente, Roberto Bolaño era um poeta, mas o próprio assumiu que temia pelo sustento de seus filhos e, assim, mudou o gênero, passando a escrever romances de ficção. Ainda assim, embora não fosse mais o teor de suas publicações, continuou escrevendo suas poesias. Nos anos 2000, Bolaño passou por vários problemas de saúde e encontrava-se na lista de espera para doação de rins. Porém, não houve tempo suficiente para aguardar, Roberto Bolaño faleceu no dia 15 de julho de 2003 deixando sua esposa e um casal de filhos, Lautaro e Alexandra.

acervo JL



CORMAC MCCARTHY

(Rhode Island, 20 de julho de 1933) Escritor norte-americano. Na juventude, serviu na Força Aérea dos Estados Unidos durante quatro anos, e estudou Artes na Universidade do Tennessee. É vencedor do National Book Award, do National Book Critics Circle

Award e do Prêmio Pulitzer de Ficção 2007. Em 40 anos de carreira literária, produziu nove romances, entre eles *Todos os Belos Cavalos*, *A Travessia* e *Cidade das Planícies*, que o autor batizou de *Trilogia da Fronteira*. *Onde os Velhos Não Têm Vez*, lançado nos Estados Unidos em 2005, foi adaptado para o cinema pelos irmãos Joel e Ethan Coen, em seu filme *No Country for Old Men*, lançado em 2007 e vencedor do prêmio Oscar de melhor filme, em 2008. Avesso a entrevistas, Cormac McCarthy gosta de manter sua privacidade. O escritor tem sido comparado nos últimos anos a outros grandes nomes do romance contemporâneo norte-americano, como Don DeLillo, Philip Roth ou Thomas Pynchon. No Brasil, McCarthy foi publicado por várias editoras, com os títulos *Onde os Velhos Não Têm Vez*, *A Estrada*, *Meridiano de Sangue*, *Todos os Belos Cavalos*, *A Travessia* e *Cidade das Planícies*. Obra: *Sunset Limited*; *The Stonemason* (1995); *The Gardener's Son* (1976); *O Filho de Deus* (1974); *Suttree* (1979); *Meridiano de sangue ou O Crepúsculo Vermelho no Oeste* (1985); *Cities of the Plain* (1998); *Todos os Belos Cavalos* (1992); *The Crossing* (1994); *No Country for Old Men* (2005); *A Estrada* – no original *The Road* (2006) – Prêmio Pulitzer de Ficção (2007).

acervo JL



ALMEIDA GARRETT

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854) foi um poeta, prosador e dramaturgo português conhecido como iniciador do movimento romântico em Portugal. Courseu Direito na Universidade de Coimbra. Envolveu-se ativamente na Revolução Liberal do

Porto de 1820. Em 1821, concluiu a Licenciatura, estabeleceu-se em Lisboa e ingressou no Ministério do Interior. Pouco depois, passou a dirigir o serviço de instrução pública. Em 1823, com a volta do absolutismo, exilou-se na Inglaterra. No exílio, entrou em contato com a literatura romântica de Lord Byron e Walter Scott. Em 1826, foi anistiado retornando a Portugal. Dedicou-se ao jornalismo e fundou o diário *O Português* e o semanário *O Cronista*. Em 1828, retornou para a Inglaterra. Sua obra costuma ser dividida em três fases. A primeira fase teve início em 1816, quando escreveu seus primeiros poemas, com características do "Arcadismo", devido à formação neoclássica por ele recebeu. Esses poemas foram reunidos na obra intitulada *Lírica de João Mínimo*. A segunda fase de sua obra mostrou sua tendência romântica inspirada no Romantismo inglês e enraizada em seu espírito nacionalista e pela valorização da pureza da língua portuguesa. Movido pela saudade de Portugal, publicou os poemas: *D. Branca* (1826) e *A Conquista do Algarve* (1826). A terceira fase de sua obra apresentou-se essencialmente romântica, quando deixou excelentes poemas lírico-amorosos. Almeida Garrett faleceu em Lisboa, Portugal, no dia 9 de dezembro de 1854.

Olhar amazônico

Por Peilton Sena*

A aurora levantou-se faceira e mais que depressa acordou a floresta. A arara vermelha deixou o seu ninho e muito ligeira se pôs a voar. A passarada partiu em revoada e o jacaré-açu procurou um banco de areia onde se esquentar... E assim amanhecia mais um dia de verão em um dos rincões ainda verdes da região norte do país. Mais precisamente em Eirunepé, cidadezinha ribeirinha distante 1.159 km de Manaus, de onde havia partido um jovem professor universitário vindo de São Paulo, para atuar como voluntário do Programa de Alfabetização Solidária nas escolas rurais daquele município.

Muito educado e atencioso, foi logo bem acolhido pelo povo simples das comunidades ribeirinhas, passando a visitar as escolas navegando em voadeiras pelo rio Juruá. Após as aulas, aproveitava o tempo livre para tomar banhos nos igarapés e caminhar com os pés descalços sentindo a fluidez da energia do solo sagrado da floresta, apreciando o espetáculo dos botos tucuxis e cor de rosa. À noite dormia em redes sob à luz de velas, contemplava o céu amazônico estrelado e os olhos brilhantes dos jacarés em contato com a luz de sua lanterna.

Cada dia naquele lugar trazia em si uma aprendizagem única, jamais estudada em livros ou adquirida em cursos de pós-graduação e mestrado. Pena que o tempo era curto: apenas duas semanas e sua experiência de professor voluntário nas escolas rurais de Eirunepé chegaria ao fim. Para compensar o pouco a ensinar e o muito a aprender, ele se esforçava ao máximo em seu mister e mesmo cansado, sempre arrumava um tempinho para passear nas praias de areias brancas que davam um tom poético às margens do rio.

Às vezes, permanecia um longo tempo sozinho e em silêncio só para escutar o som inconfundível dos grilos em noite iluminada por pirilampos alados e o diálogo entre rãs e pedras, regatos e estrelas.

O que viu, ouviu e viveu deixaram marcas profundas em seu espírito. E ao se despedir daquele lugar e daquela gente simples e humilde que tanto lhe ensinara, foi tomado por um profundo sentimento de comunhão, respeito,

amor e solidariedade à Mãe Natureza que o fez compreender que, diante de uma perspectiva cósmica, fazemos parte de um todo e habitamos a mesma casa planetária.

E com um novo olhar, um olhar amazônico sobre a vida e o planeta, aquele professor universitário se transformou num professor-poeta. E ao lerem o seu relatório final, encontraram esse lindo poema que até hoje é declamado em diversas salas de aulas da rede pública de ensino:

Convite

Dizem que não passa de um sonho os verdes versos que componho.

Que lutar pela natureza é luta em vão, porque o homem pensa mais em dinheiro que na preservação.

Dizem que minha esperança é utopia, porque o Meio Ambiente não é páreo para os "donos da Economia".

Que é preciso "curtir" o agora, pois, se para todo mal existe cura, que descubram o remédio as gerações futuras.

Estão enganados, contaminados pela ganância e ignorância.

Os fatos falam por si.

A terra precisa urgentemente dos nossos cuidados, porque "a Natureza não aceita transplantes ou curativos apressados".

A areia escorre veloz pela ampulheta; o tempo está contra nós e passa ligeiro feito cometa.

Salvaremos a nós mesmos, se preservarmos juntos o Planeta.

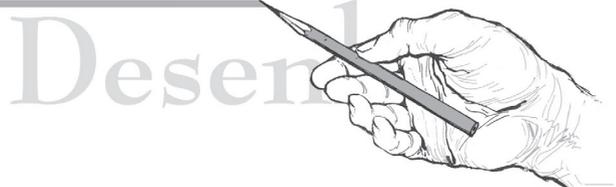
Faço-lhe este convite: você aceita?

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande – ALAPG.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com

EDRA

Elcio Danilo Russo Amorim, o Edra, é um dos mais ilustres filhos de Caratinga – município do interior do estado de Minas Gerais, cidade que deu ao Brasil importantes nomes da nossa cultura, como o cartunista Ziraldo, o cantor Agnaldo Timóteo, o escritor e jornalista Ruy Castro e muitos outros. Porém, não foi em sua cidade de origem que o cartunista Edra iniciou sua carreira. No início dos anos 1980, aproveitando que uma de suas irmãs residia na capital do país, Edra mudou-se para Brasília, quando começou a desenhar profissionalmente. O artista estreou no *Correio Braziliense*, mas também colaborou no *Jornal de Brasília*, *Correio do Brasil*, *Jornal da OAB-DF* e *Revista Gol*.



Zacharias

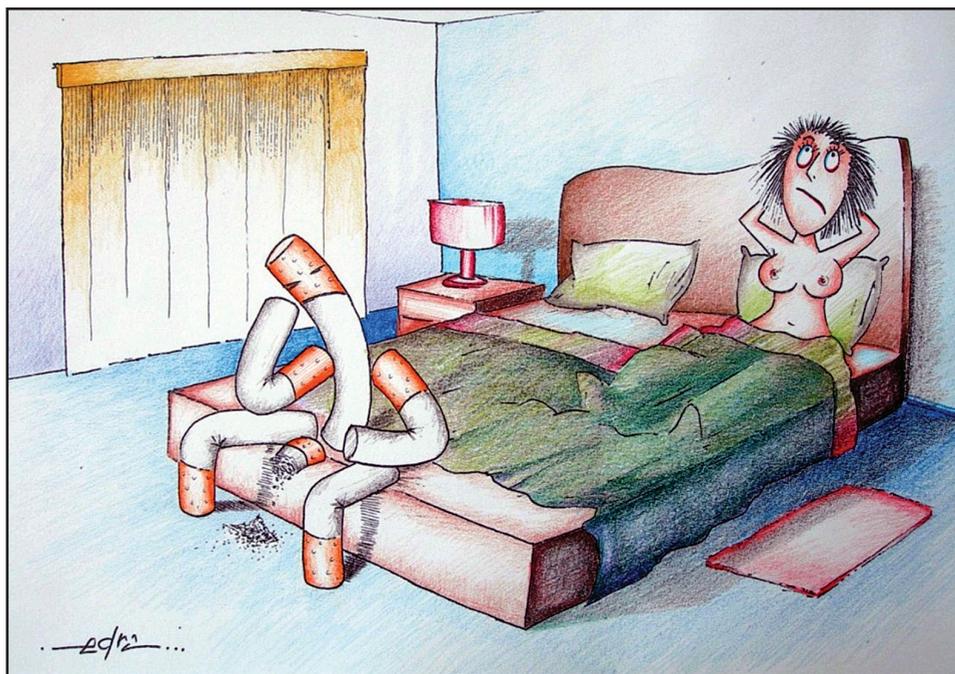
Anos depois, de volta à Caratinga, o artista desenvolveu aquele que pode ser considerado seu mais importante projeto cultural: o Salão Internacional de Humor de Caratinga. Surgido em 1998, o evento é um dos mais importantes do gênero no Brasil, e gerou diversas ações culturais no município, como a Casa Ziraldo de Cultura, inaugurada em 2009, após anos de planejamentos e dedicação do desenhista. Hoje, a Casa Ziraldo de Cultura é um ponto de encontro importante dos agitadores culturais da cidade, valoriza os artistas locais com exposições de artes plásticas, artesanato e fotografia, e também abriga a Gibiteca Turma do Pererê e seu importante acervo de livros infantis e revistas de histórias em quadrinhos.

Edra publicou mais de 30 livros reunindo seus cartuns e charges, e foi o idealizador da obra *Ziraldo – Ao mestre com carinho*, da Editora Melhoramentos, livro que comemorou os 85 anos do pai do Menino Maluquinho, e que foi o vencedor do prêmio HQ Mix, em 2019.

O cartunista caratinguense também publicou seus desenhos em diversos jornais de sua cidade e de outros município mineiros, como *Jornal Caratinga*, *A Semana*, *Diário de Caratinga*, *Diário do Aço*, *Diário de Teófilo Otoni*, *Diário de Manhuaçu*, entre outros. Premiados em diversos concursos de desenhos humorísticos nacionais e internacionais, Edra foi agraciado em 1º lugar nos salões de humor de Franca (1987), Piauí (2003), Cerquilho (2018) e Teresina/Medplan (2020).

O leitor do JORNAL DE LETRAS pode conhecer mais sobre o artista nas redes sociais. Edra mantém há muitos anos seu ótimo blog com informes detalhados de tudo que o cartunista desenvolveu desde janeiro de 2009, no endereço: salaodehumordecatinga.blogspot.com/. O idealizador do Salão Internacional de Caratinga também pode ser visitado no Instagram e Facebook, respectivamente nos perfis @cartunistaedra e @cartunista.edra.

Saúde e Arte!



Manacá

Por Raquel Naveira*

Moro numa pequena casa, atrás de um pé de manacá. Essa flor dos barrancos é um pouco louca, pois muda de cor. Nasce branca, depois vai passando para o rosa, o lilás até chegar ao roxo macerado. Extravasa um aroma delicado, de mel sugado por pássaros.

A palavra “manacá”, de lirismo popular, logo nos traz à memória versos rimados em “a”, como naquele poema do ultrarromântico poeta Fagundes Varela (1841-1875): “Pelo jasmim, pelo goivo/ Pelo agreste manacá/ Pelas gotas do sereno/ Nas folhas de gravatá/ Pela coroa de espinhos/ Da flor do maracujá.”

Atravessando a Serra do Mar, em direção à sua fazenda de café em Santos, a pintora Tarsila do Amaral (1886-1973) deve ter visto muitos arbustos de manacá eclodindo suas copas como capelas pelas encostas. Representou a árvore num quadro intitulado *Manacá*, de 1927. São formas estranhas, livres, impossíveis de encontrar na natureza. Um tufo de pétalas desiguais, roxas e róseas; montanhas cor de lavanda ao fundo; uma base compacta de cactos verdes e rombudos. Há uma fina sensualidade nessas tonalidades místicas. E a mais pura brasilidade.

O poeta Mário de Andrade (1893-1945), figura central da vanguarda de São Paulo, compôs letra e música do *Hino do grupo do gambá*, cantada pelos modernistas no início de suas reuniões. Esse hino foi depois gravado por Marcelo Tápia e o grupo Colher de Pau, em 2009. Mário chama os homens de “gambás”: “Guilherme de Almeida (1890-1969) é gambá”, “Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) é gambá”, “Oswald de Andrade (1890-1954) é gambá” e as mulheres, por sua vez, são “manacá”: “Tarsila do Amaral é manacá”, “Olívia Penteadó (1872-1934) é manacá” e, excluída, mas sempre lembrada, a pintora Anita Malfatti (1889-1964), também seria “manacá”.

Imagino uma reunião desse grupo fascinante na casa da colina de Guilherme de Almeida. Todos recostados nos sofás de palhinha cobertos de almofadas coloridas, entre objetos orientais e copos de cristal. O piano aber-

to com suas teclas pretas e brancas, pronto para ser tocado. A bela Tarsila do Amaral, de cabelos puxados e longos brincos, comenta sobre a antropofagia nas artes plásticas, sobre a necessidade de digerir as influências estrangeiras como no ritual canibal em que se devora o inimigo com a crença de poder absorver suas qualidades. O poeta Oswald de Andrade, seu companheiro à época, detalha como dera o nome de *Abaporu*, que significa em tupi “homem que come carne humana”, ao intrigante quadro de Tarsila. Mário de Andrade, rindo-se do casal “tarsiwald”, lê alguns poemas de seu polêmico *Pauliceia Desvairada*. Guilherme de Almeida, compenetrado, ajuda a mulher, Baby, a servir licor aos convivas. Mostra um número da revista *Klaxon* e defende a liberdade de ritmo no sentir, no pensar, no dizer. Aponta um anúncio do chocolate Lacta, afirmando que a publicidade utiliza a linguagem da poesia e os grafismos para seduzir o consumidor. O pintor e crítico de arte, Sérgio Milliet, fala um português arrastado, com sotaque francês, pois residira tantos anos na neutra Suíça, fugindo das agruras da Primeira Guerra Mundial. Sérgio é o homem-ponte entre a cultura sedimentada da Europa e a busca de uma identidade brasileira e única. É preciso contar ao grupo sobre o valor de versos descontínuos, independentes, sobre os cubistas, os futuristas e as fases da pintura do genial Picasso. Dona Olívia Penteadó, elegante, chega com novidades sobre um grande projeto: a criação de um Salão de Arte Moderna. Ela conseguirá os recursos. Quer os quadros de sua amiga Anita Malfatti em destaque: o “Homem Amarelo”, “O Farol”, “A Estudante Russa”, juntos, numa ala nobre do salão. Todos aplaudem. Há que se apoiar Anita, que está deprimida e triste, depois de duramente criticada por Monteiro Lobato, no artigo “Paranoia ou Mistificação”. O grupo se une, se aproxima, se confraterniza, enquanto fotografo a cena em minhas retinas.

Dá para compreender. O gambá é uma espécie de rato solitário, noturno, crepuscular. Temido e dramático. Faz-se de morto quando as coisas se tornam perigosas. O manacá é planta de cerrado, de terra árida, de beleza primitiva. O grupo modernista é refinado e caipira; verde, amarelo-mamão e roxo.

Moro distante, numa pequena casa no sul de Mato Grosso. Daqui, relembro dos amigos de São Paulo, vivos e mortos, enquanto a noite desce com suas estrelas sobre o pé de manacá.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

Em uma data no mês a imortalidade: Rachel e Fernanda, grandes damas!

Por José Luís Lira*

Há 44 anos, o *Petit Trianon* se engalanava para receber sua primeira imortal, Rachel de Queiroz. Os que presenciaram disseram ter sido um grande acontecimento. A bateria da Escola de Samba Beija-Flor e a torcida do Vasco da Gama tomavam conta da Presidente Wilson, centro do Rio de Janeiro, eterna capital cultural do país, a Cidade Maravilhosa.

Os jornais de todo o Brasil e revistas destacaram a posse de Rachel. Relato de uma pessoa presente à solenidade dizia que pouco depois das 20h40min daquele 4 de novembro de 1977, Rachel levantou os óculos, enxugou uma lágrima e assinou o livro de posse da Academia Brasileira de Letras. O tabu estava quebrado. Uma mulher se tornou imortal. O jornal Hoje da Rede Globo de Televisão anunciava dia 5 de novembro de 1977: “Com voz firme, demonstrando que se preparou muito tempo para aquele momento, Rachel de Queiroz tomou posse ontem na cadeira nº 5, da Academia Brasileira de Letras.”

Rachel foi a maior romancista de sua geração. Considero-a a maior escritora, mas, talvez me faça suspeito, pelo amor e bem-querer que sempre tive por ela. Aos poucos, adentrei seu mundo e me tornei seu amigo, afilhado

de formatura. Vinte e seis anos depois daquele 4 de novembro de 1977, no dia 4 de novembro de 2003, Rachel saía pela última vez do *Petit Trianon*, dessa vez para o Cemitério São João Batista, não para o Mausoléu da ABL, mas, para ficar junto com seu grande amor, Oyama de Macêdo. E hoje lá estão seu cunhado, Namir, e sua querida irmã-filha, Maria Luíza de Queiroz Salek, a Isinha.

Já falei muito sobre Rachel de Queiroz e ainda falarei, enquanto eu durar, porém, este ano foi o 18º ano de seu falecimento, e como digo sempre, a saudade ainda é frequente. Para acalentá-la, vez por outra, pego um de seus livros, seus romances. Mas, nada se compara a ouvi-la, ter sua opinião, no entanto, passados exatos 18 anos, posso afirmar que ela cumpriu – e muito bem – sua missão. Abriu a Academia para as mulheres mesmo antes que a Academia Francesa – que serve de modelo às demais – elegeisse Marguerite Yourcenar; firmou o romance regional na Literatura. Foi um ser humano extraordinário.

Pois 44 anos depois da posse de Rachel, a Academia anuncia: “Realiza-se no dia 04 de novembro a eleição para a Cadeira nº 17, vaga com o falecimento do acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Para esta cadeira, encontra-se inscrita a senhora Fernanda Montenegro.”

Conheci, pessoalmente, dona Fernanda Montenegro no dia dos 90 anos de Rachel de Queiroz. Simples, autêntica, admirável. Depois a vida vai pontuando as ocasiões. E nós costumávamos dizer que Rachel de Queiroz era a grande dama da Literatura e dizemos que Fernanda Montenegro é a grande dama do cinema e da dramaturgia do Brasil. São duas grandes damas, envolvidas pela amizade e pela arte. E a Academia sempre elege notáveis.

Fernanda Montenegro é notável. Por toda uma vida dedicada à arte, primeira latino-americana e a única brasileira indicada ao Oscar de Melhor Atriz; única atriz indicada ao Oscar por uma atuação em língua portuguesa e autora da autobiografia *Prólogo, Ato, Epílogo*, pela Companhia das Letras, em parceria com Marta Góes.

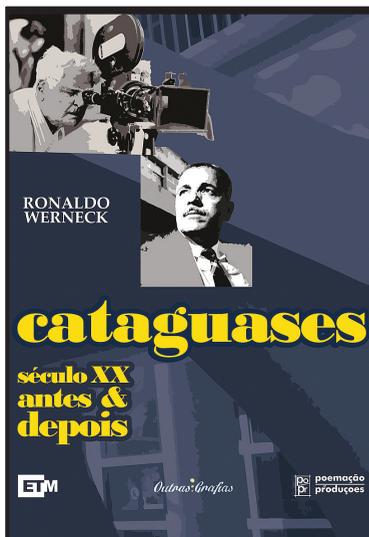
Fernanda, e os tantos nomes que recebeu em mais de 70 anos de arte, é eleita para a Casa do Bruxo do Cosme Velho, Machado de Assis, com os aplausos de uma Nação.

Vida longa à nova imortal!

*José Luís Lira é fundador da Academia Fortalezense de Letras.

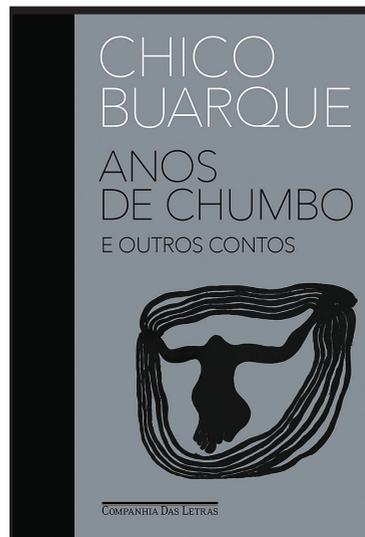
J **Novos Lançamentos**

bethalmeida23@gmail.com

**CIDADE CULTURAL**

Cataguases – Século XX antes & depois (Editora Tipografia Digital), de Ronaldo Werneck, é um livro que traça um breve panorama da história da cidade, que vem de meados de Oitocentos, passa ao longo do Novecentos e chega aos tempos atuais. A obra tem como escopo mostrar a evolução de Cataguases – de seus primórdios até “a cidade modernista” dos dias de hoje. E também direcionar uma releitura sociogeográfica dos fatos históricos da cidade, evidenciando a existência de um projeto civilizatório que tomou todo mundo: do talento dos ases literários e cinematográficos que marcaram os primórdios de sua cultura aos industriais e sua tecnologia, que impulsionaram o crescimento da cidade. Aqui está uma Cataguases em constante transformação, memória em movimento: vida. Em seu prefácio, escreve Angelo Oswaldo, ex-secretário de Cultura de Minas e hoje exercendo o quarto mandato como prefeito de Ouro Preto: “Uma cidade povoada de poetas faz com que um deles,

Werneck, tome o fio da História, ilumine a Memória e celebre a ‘poesia nossa de cada dia’, ao trazer para este livro a narrativa poética da saga da Meia-Pataca e Cataguases inteira. Ronaldo Werneck toma o século XX para acrescentar-lhe o antes e o depois, a fim de pontuar o itinerário poético da cidade em que nasceu a vertente verdejante do modernismo brasileiro, rodou o cinema inaugural de Humberto Mauro e edificou-se o primeiro traço de Niemeyer em Minas Gerais. E à qual ele dedica grande parte de sua própria obra.”

**CHOQUE DE REALIDADE**

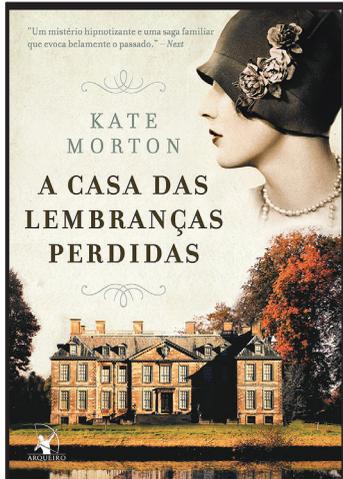
Em *Anos de chumbo* (Cia das Letras), Chico Buarque põe seu conhecido domínio da linguagem a serviço da concisão da forma. O resultado é arrebatador. Uma jovem e seu tio. Um grande artista sabotado. Um desatino familiar. Uma moradora de rua solitária. Um passeio por Copacabana. Um fã fervoroso de Clarice Lispector. Um casal em sua primeira viagem. Um lar em guerra. Imersos na elogiada atmosfera da ficção de Chico Buarque, caracterizada pela agudeza da observação e a oposição frequente entre o poético e o cômico, os oito contos que formam este volume conduzem o leitor pela sordidez e o patético da condição humana. Com alusões ocasionais à barbárie do presente, o autor ergue um labirinto de surpresas, em que o sexo, a perversidade, o desalento e o delírio são elementos constitutivos da trama. Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, é um dos maiores nomes da música popular brasileira. Filho do historiador Sérgio

Buarque de Hollanda, escreveu seu primeiro conto aos 18 anos. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música *A banda*. Devido à crescente repressão do regime militar do Brasil nos chamados “anos de chumbo”, autoexilou-se na Itália em 1969. Ao retornar ao Brasil, em 1970, foi um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. No início dos anos 1990, lançou seu primeiro romance, *Estorvo*.

**TRANSIÇÃO**

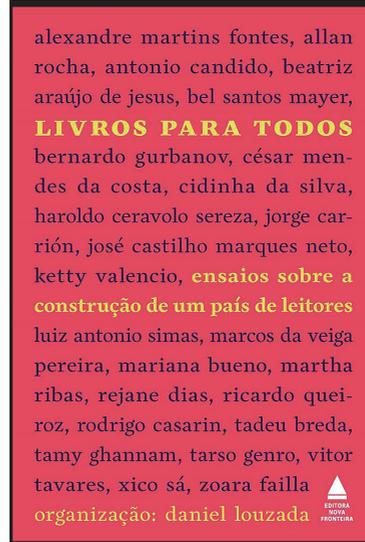
Por décadas, Letícia Lanz se apresentou ao mundo na pele de Geraldo Eustáquio. Entender-se diferente da maioria foi um processo longo e doloroso. Neste relato comovente e honesto, Letícia relata como foi se assumir mulher transgênera aos cinquenta anos de idade. Letícia Lanz é psicanalista, palestrante, ativista e foi candidata à prefeitura de Curitiba em 2020. Mestre em sociologia e especialista em gênero e sexualidade, formou-se também em economia e fez mestrado em administração de empresas. Publicou diversos livros, entre eles *O Corpo da Roupa*. É casada, tem três filhos e cinco netos. Neste livro impactante, ela conta a história de sua transição. A luta para se libertar das amarras de gênero começou quando ainda era criança e culminou num enfarte, cinquenta anos mais tarde. Depois de uma vida marcada pelo permanente conflito entre ser ela mesma ou a pessoa que a sociedade exigia que fosse, na cama da UTI, ela entendeu que transicionar era a única coisa a ser feita se quisesse continuar viva. Ao narrar suas reflexões

e experiências pessoais, Letícia convida o leitor a compreender o que é ser e se aceitar uma pessoa transgênera em uma sociedade ainda incapaz de conviver com as diferenças, regida pelo binarismo, em que homem e mulher são categorias determinadas a partir do órgão sexual com o qual nascemos. *A Construção de Mim Mesma* é um livro sincero que se propõe a abrir novos e variados diálogos sobre diversidade, aceitação e liberdade.

**MEMÓRIAS E FANTASMAS**

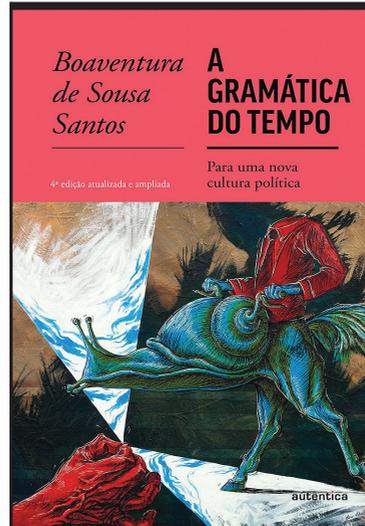
Publicados em 42 países e traduzidos para 34 idiomas, os livros de Kate Morton já venderam 11 milhões de exemplares. Grace Bradley foi trabalhar na Mansão Riverton como criada quando era apenas uma menina, antes da Primeira Guerra Mundial. Durante anos, sua vida esteve ligada à família Hartford, mais particularmente às filhas, Hannah e Emmeline. No verão de 1924, em uma festa na casa, um jovem poeta atirou em si mesmo. As únicas testemunhas foram as duas meninas e apenas elas – e Grace – sabem a verdade. Em 1999, Grace tem 98 anos e vive seus últimos dias em uma casa de repouso, quando recebe a visita de uma diretora que está fazendo um filme sobre os acontecimentos daquele verão. Ela leva Grace de volta para a Mansão Riverton e desperta suas memórias e seus fantasmas. Há tempos escondidos nos recantos da mente da senhora, eles voltam a assombrá-la. Um terrível segredo ameaça vir à tona, algo que a história

apagou, mas que Grace ainda lembra. Com uma trama misteriosa e emocionante, *A Casa das Lembranças Perdidas* é o retrato fascinante de uma época, uma reflexão sobre a memória e a devastação da guerra. Um romance vívido de suspense e paixão, com personagens e um final que o leitor nunca vai esquecer. Kate Morton é uma autora premiada e frequente as listas de mais vendidos em todo o mundo. Dela, a Editora Arqueiro publicou *A Casa do Lago* e *O Jardim Esquecido*. Criada nas montanhas de Queensland, na Austrália, Kate é formada em arte dramática e literatura inglesa, especializada em tragédias do século XIX e em romances góticos contemporâneos. Atualmente vive com o marido e os filhos em Londres.

**PALAVRA ESCRITA**

Para contar histórias, propagar ideias, denunciar injustiças e desbravar os caminhos do futuro, nada é mais eficiente do que os livros. Fonte de informação e de sonho, eles formam sujeitos e ajudam a erguer as bases da nossa humanidade. Livros são caldeirões de conhecimento e imaginação dos quais emergimos capazes de transformar a nós mesmos e as nossas realidades. Não se trata, definitivamente, de um produto qualquer. O livro é um bem cultural e social – cujo acesso, no entanto, está em risco no Brasil. A reforma tributária pode forçar um aumento de 20% no preço final dos exemplares, impossibilitando que cheguem às classes C, D e E – público que, ao contrário do que alguns acreditam ou querem fazer acreditar, concentra grande parte dos leitores brasileiros. Se, parafraseando Monteiro Lobato, um país se faz com pessoas e livros, que nação é essa que nossos governantes pretendem construir? Organizado por Daniel Louzada, proprietário da icônica

Livraria Leonardo da Vinci, no Rio de Janeiro, *Livros para Todos* (Editora Nova Fronteira) reúne textos de livreiros, editores, escritores, bibliotecários, educadores, jornalistas, pesquisadores e leitores para celebrar a palavra escrita e denunciar a guerra sem trégua contra o livro no Brasil. Daniel Louzada é gaúcho de Pelotas. Não teve livros na infância, e seu contato com a leitura só se deu na adolescência. Comprou seu primeiro livro aos 18 anos, em um sebo de Porto Alegre, ao entrar na faculdade de história.

**PENSAMENTO ALTERNATIVO**

Em *A Gramática do Tempo* (Editora Autêntica), Boaventura de Sousa Santos apresenta uma visão panorâmica das propostas epistemológicas e de teoria social crítica que viriam a aprofundar-se e a condensar-se posteriormente em outras publicações. Ele se propunha a lançar os fundamentos de uma nova cultura política que permitisse voltar a pensar e a desejar a transformação social e emancipatória, ou seja, o conjunto dos processos econômicos, sociais, políticos e culturais, tendo por objetivo transformar as relações de poder desigual em relações de autoridade partilhada nos seis espaços-tempo: o doméstico, o da produção, o do mercado, o da comunidade, o da cidadania e o mundial. A amplitude desse projeto mostra que o que está em causa é muito mais que construir alternativas. Trata-se, antes de tudo, de construir um pensamento alternativo de alternativas. A nova cultura política desenhada a traço grosso neste livro é simultaneamente o

produto e o produtor desse pensamento alternativo. Alguns dos temas receberam novas versões em publicações subsequentes, enquanto outros têm aqui a melhor formulação do seu pensamento até hoje. Esta nova edição conta com capítulos inéditos que discutem os caminhos científicos e políticos que Boaventura tem vindo a trilhar. Seus livros mais recentes são *O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul* (Autêntica, 2019) e *O Futuro Começa Agora: da pandemia à utopia* (2021).

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Tempo das frutas

Por Ana Miranda*

As árvores aqui estão floridas, um novo tipo de beleza se assentou, beleza em cores no meio da vegetação ressecada. As mangueiras se carregam de frutos verdes que bebem o sol e amadurecem. Bananeiras derramam cachos pequeninos. As frutas do calor se aprontam. Nosso pomar aqui em casa é ainda uma criança, plantamos uma mangueira-moscatel, coqueiros, pés de tangerina, jaboticaba, limão, pitanga, seriguela, banana, abacaxi, abacate, goiaba, falta replantar mamoeiros e um pé de acerola. Tenho o sonho de cultivar uma figueira, adoro figos, os mais doces comi nas areias de Aquiraz.

Enquanto espero meu limoeiro crescer e dar frutos, vamos ganhando limões dos vizinhos. Também mangas, bananas, limão siciliano... Nosso centenário cajueiro está florido, frutifica loucamente, a areia amanhece cheia de cajus caídos e os sabiás-da-praia, que não são bobos, bicam as delícias. A vizinha sabe que gosto e me manda bacias de cajus do seu cajueiro-anão. Nunca tomei tanto suco de caju, jamais comi tanto doce de caju e trato de aprender receitas de moqueca de peixe com caju, ou croquete de caju. Os cajás ao pé da cerca estão de vez, todos de olho neles: soins, passarinhos, besouros, eu, o jardineiro... Outro dia fomos ao assentamento da reforma agrária colher uma fruta desconhecida: cajarela, uma novidade sertaneja. Vou ganhar uma muda e plantar aqui, nem sei onde, não tenho mais espaço.

Nos dias que vem o caminhão de frutas, corro para comprar

mamão, melão, maçã, pera, laranja, uva... Difícil viver sem frutas. Fui criada comendo-as no pé, eram jaboticabas nas fazendas mineiras, goiabas do quintal, roletes de cana, ou soltavam a criançada no pomar de mangueiras do clube, subíamos nos galhos, eu chupava mangas até doerem os maxilares. Eram docinhas.

Mas doces, mesmo, são as frutas aqui no Ceará. O sol do sertão desperta sua doçura, talvez a falta de chuvas, ou os ventos, talvez a cor do céu, talvez o luar sertanejo... Meu pai, engenheiro agrônomo, dizia que a doçura das frutas nordestinas se deve à refração da luz, à secura do ar e ao calor. Aqui, dizem que são as águas termais que jorram nas terras de Mossoró e se espalham em lençóis subterrâneos.

O Brasil tem tantas frutas nativas, tantas, que seria impossível enumerar todas. Mangaba, cambuci, bacuri, camucamu, cagaita, biribá... Mas as frutas nativas do semiárido, dizem que se perdem milhares de toneladas tanto nas propriedades como na caatinga. Um são medicinais, outras forrageiras; ou para alimento, trabalho e renda de humanos: umbu, jenipapo, maracujá-da-caatinga, o próprio caju que brota nas mais áridas areias como uma bênção da natureza. Árvores que aprenderam a sobreviver às estiagens, aos incêndios. Dão frutos que podem nutrir os desnutridos.

Em Brasília, há pomares plantados em praças, ruas, quadras: mangueiras, jaqueiras, jaboticabeiras... Isso foi trabalho de um cearense de Barbalha, o Ozanan, Francisco Ozanan Coelho de Alencar, e sempre penso, ah, se Ozanan tivesse feito seu trabalho também em Fortaleza, se tivéssemos ozanans em todas as nossas cidades para plantar pomares nas ruas, praças...

*A premiada escritora Ana Miranda é Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará.

Jornalismo livre e crítico

Por Maria Cabral

Os jornalistas Maria Ressa, das Filipinas, e Dmitry Muratov, da Rússia, ganharam o Prêmio Nobel da Paz de 2021 por seus esforços para defender a liberdade de expressão.

A Academia Real das Ciências da Suécia anunciou que ambos foram premiados pelos esforços para defender a liberdade de expressão e de informação, “pré-requisitos essenciais para a democracia e a paz duradoura”, conforme afirmou o comitê sueco.

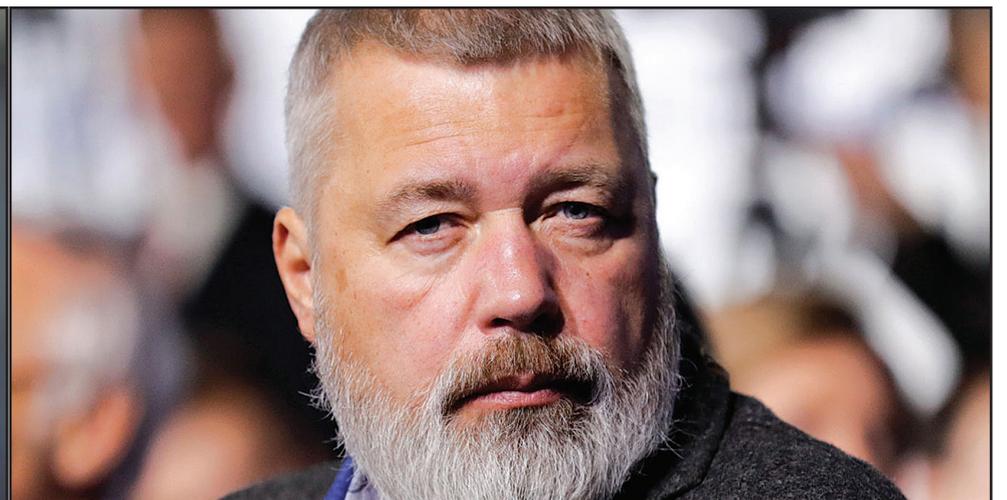
Segundo a Ong “Repórteres Sem Fronteiras”, o livre exercício do jornalismo é cerceado total ou parcialmente em 73% dos 180 países avaliados. No Brasil, por exemplo, todos conhecem a hostilidade do governo à imprensa, assim como a pressão sobre anunciantes e a promoção de notícias falsas.

Num momento de ascensão de autoritarismo em diversas partes do mundo, onde a democracia e a liberdade de imprensa enfrentam condições cada vez mais adversas, o Prêmio Nobel da Paz, este ano, pode ser entendido como um ato a favor de um jornalismo livre, crítico e baseado em fatos.

Os dois jornalistas ajudaram a fundar veículos de comunicação independentes em seus países e vão dividir o prêmio. Ambos vêm enfrentando não só repressão, como violências.

Dmitry Muratov é um dos fundadores de um jornal russo, o *Novaya Gazeta* (novayagazeta.ru), que já teve seis jornalistas assassinados, desde que foi lançado, em 1993. Editor-chefe da publicação desde 1995, apesar das mortes e ameaças, recusou-se a abandonar a política independente do jornal.

Coragem é também um atributo que não falta à filipina Maria Ressa. Por meio do “Rappler”, empresa de mídia digital que ajudou a fundar, ela se notabilizou por revelar casos de corrupção envolvendo expoentes do governo do seu país. Foi, igualmente, uma voz pioneira a denunciar os abusos da guerra às drogas encampada pelo presidente filipino Rodrigo Duterte, que, nos últimos anos, deixou mais de 12 mil mortos. As consequências que a jornalista amargou por seu trabalho não foram poucas. Em 2019, Ressa foi presa sob acusação de violar uma controversa legislação contra “difamação cibernética”. Atualmente, está proibida de deixar as Filipinas.



Os jornalistas Maria Ressa, das Filipinas, e Dmitry Muratov, da Rússia, ganharam o Prêmio Nobel da Paz de 2021.

Parasitas, vermes e políticos

Por José Carlos Gentili

Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo mesmo motivo.

Eça de Queiroz

A Língua Portuguesa apresenta os dois mais importantes escritores do século XIX: Machado de Assis, em *Aquém-mar*, e Eça de Queiroz, em *Além-mar* – ambos argutos, singelos e universais, a abranger o universo multifário e transoceânico das Letras do Condado Portucalense.

Singulares na crítica social, no humor e na ironia de cunho docente, professoral, a pontificar o realismo pós-romântico.

Os políticos deveriam ler *O Crime do Padre Amaro*, de Eça, e reflexionar acerca de um aforisma que permaneceu no tempo, qual seja: “Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo mesmo motivo.”

Afirmou ele, ainda: “Não tenha medo de pensar diferente dos outros, tenha medo de pensar igual e descobrir que todos estão errados.” Mais, disse – “O riso é a mais antiga e terrível forma de crítica”.

Trago à baila um *tertius* – Afonso Henriques de Lima Barreto, um filho de escrava, rejeitado pela Academia Brasileira de Letras, por três vezes...

Vivemos tempos de insanidade grupal sob o comando do Major

Quaresma, alagoano doentio, a enfrentar simbolicamente o republicano Floriano Peixoto e sua grei. Criatura desnordeada a estudar inutilidades sob o apanágio da loucura e da insensatez, como afirmaria Lima Barreto em sua magna obra, *post mortem*, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

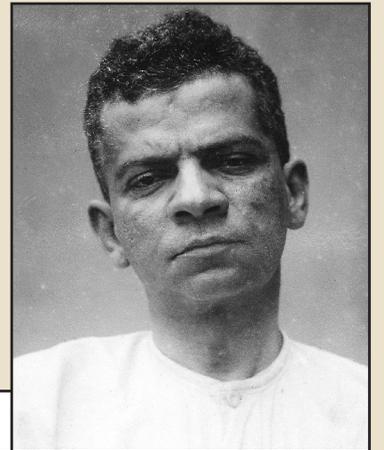
O triste fim se aproxima e Lima Barreto permanece atual ao lembrar que os loucos de todo gênero, que eram grupados e ilhados no extinto artigo 5º do Código Civil brasileiro (1916), monumental obra de Clovis Beviláqua, estão livres e soltos dos manicômios oficiais a perambular pelos ínvios caminhos da Política.

Eis o pensamento de Lima Barreto:

“Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das coisas do tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção.

E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. A pátria que quisera ter era um mito; um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete.” (Lima Barreto – *Triste Fim de Policarpo Quaresma*).



“O Brasil não tem povo, tem público” (Lima Barreto).

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



DESTAQUES 2021 EDIÇÕES SESC



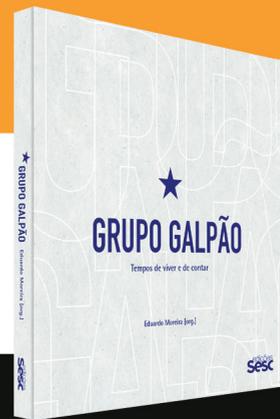
ANNA BELLA GEIGER
Coleção Arte, Trabalho e Ideal
Fabiana de Barros, Michel Favre
e Marcia Zoladz (Org.)



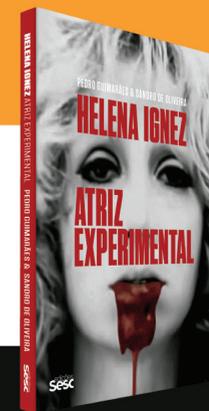
**A FÓRMULA DA EMOÇÃO
NA FOTOGRAFIA DE GUERRA**
Leão Serva



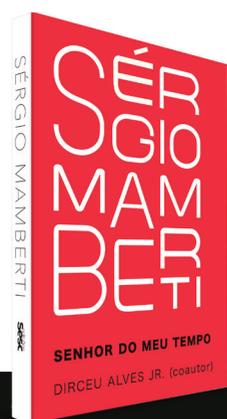
**A PIRÂMIDE DO PIQUES:
São Paulo narrada pelo
Largo da Memória**
Gustavo Piqueira



GRUPO GALPÃO
Tempos de viver e de contar
Eduardo Moreira (Org.)



**HELENA IGNEZ,
ATRIZ EXPERIMENTAL**
Pedro Guimarães e
Sandro de Oliveira



SÉRGIO MAMBERTI
Senhor do meu tempo
Dirceu Alves Jr. e
Sérgio Mamberti



[...] METADE É VERDADE
Ruth Escobar
Alvaro Machado



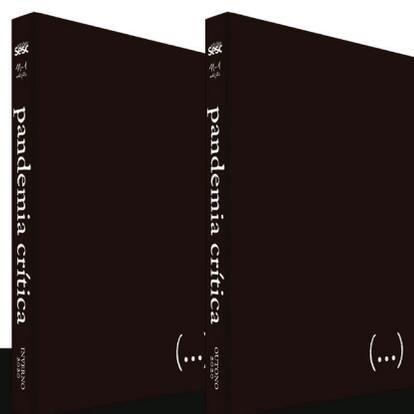
TOM ZÉ
O último tropicalista
Pietro Scaramuzzo



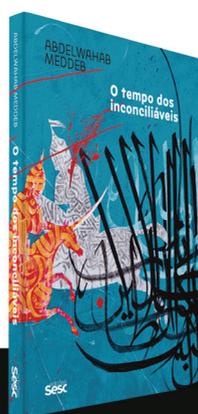
MUTAÇÕES
Ainda sob a tempestade
Adauto Novaes (Org.)



ECOSOFIA
Uma ecologia
para nosso tempo
Michel Maffesoli



PANDEMIA CRÍTICA
Outono / Inverno 2020 – 2 vol.
Peter Pál Pelbart (Org.)
Edições Sesc São Paulo e N-1 Edições



**O TEMPO DOS
INCONCILIÁVEIS**
Abdelwahab Meddeb



MOSAICO DE OLHARES
Pesquisa e futuro no
cinquentenário do Cebap



**UMA HISTÓRIA DAS
SEXUALIDADES**
Sylvie Steinberg